

Relatório de Estágio

Miguel Soares Baptista Serra

Relatório

**de Estágio de Mestrado em Ensino de História no 3º Ciclo do Ensino
Básico e no Ensino Secundário**

Março, 2018

Dedico este Relatório de Estágio à minha mulher, Ângela, à minha filha Maria Francisca, aos meus pais Juvenal e Maria de Jesus e à minha irmã Joana.

AGRADECIMENTOS

A construção deste Relatório de Estágio foi um trabalho para o qual beneficiei, felizmente, do apoio de muitas pessoas, às quais gostaria de agradecer.

Manifesto o meu agradecimento à Coordenadora do meu Mestrado, Professora Raquel Henriques, a todos os professores que me orientaram nas várias disciplinas da componente não letiva, ao meu orientador de estágio na Escola Martins Correia, na Golegã, o Professor Mário Ferreira, ao meu orientador do Relatório na FCSH, o Professor António Camões Gouveia, a todo o pessoal docente e não docente e aos alunos da Escola Martins Correia com quem contactei no decurso do Estágio e às minhas colegas de estágio, Marta e Cristina.

Gostaria também de deixar uma palavra de apreço para todos aqueles que, no meu local de trabalho, na Câmara Municipal de Figueiró dos Vinhos, possibilitaram a realização deste Mestrado em Regime de Trabalhador-Estudante, em particular ao Sr. Presidente da Câmara, Jorge Abreu, à Vice-Presidente, Dra. Marta Brás, e a todos os meus colegas sem a colaboração dos quais não seria possível a realização deste trabalho.

Em último lugar, um agradecimento muito particular a toda a minha família, em especial à minha mulher, à minha filha, aos meus pais e à minha irmã.

**O Património do Concelho da Golegã e a sua aplicação no ensino da disciplina de
História no 3º Ciclo do Ensino Básico e no Ensino Secundário
RELATÓRIO DE ESTÁGIO/WORK PROJECT REPORT**

Miguel Soares Baptista Serra

Autor/Author

PALAVRAS-CHAVE: Pedagogia, Património local, Levantamento patrimonial, Estudo de Caso, Igreja Matriz da Golegã, Museu Nacional Ferroviário, Ruínas Romanas de Vila Cardílio, Acervo museológico, Visita guiada.

KEYWORDS: Pedagogy, Local Heritage, Heritage Survey, Case Study, Parish Church of Golegã, The National Railway Museum, The Roman Ruins of Vila Cardílio, Museum collection, Guided visit.

RESUMO

O presente Relatório enquadrou-se na realização da Prática de Ensino Supervisionada (PES), que decorreu na Escola B 2, 3/S Mestre Martins Correia, localizada na Golegã, durante o ano letivo de 2016/2017. Os seus objetivos visaram articular o património cultural existente no concelho da Golegã e o ensino de História no 3º Ciclo do Ensino Básico e no Ensino Secundário.

O cumprimento destes objetivos exigiu, em primeiro lugar, um levantamento do património cultural existente no concelho da Golegã e em alguns concelhos limítrofes, como o Entroncamento e Torres Novas e, posteriormente, uma seleção de alguns monumentos e equipamentos museológicos aí existentes.

Foram alvo de uma primeira seleção e estudo a Igreja Matriz, o Pelourinho, a Casa-Estúdio de Carlos Relvas e os Museus Municipais da Máquina de Escrever e de Martins Correia, localizados na Golegã; o Museu Nacional Ferroviário, sedado no Entroncamento e as Ruínas Romanas de Vila Cardílio, situadas em Torres Novas. Foi possível, deste modo, verificar quais os que se enquadravam melhor no Programa de História do 3º Ciclo do Ensino Básico e Secundário e, mais concretamente, do 8º, 10º, 11º e 12º anos letivos, que integraram a PES.

Por fim, foram realizados três estudos de caso, que incidiram sobre as referidas Igreja Matriz, Ruínas Romanas de Vila Cardílio e Museu Nacional Ferroviário, tendo sido planificadas aulas, visitas de estudo e um conjunto de materiais e instrumentos pedagógicos, tais como apresentações *powerpoint*, fichas de trabalho, cronologias e guiões de visita guiada.

Estabeleceu-se, desta forma, uma articulação entre os Programas e as Metas Curriculares da disciplina de História e o património e equipamentos culturais e museológicos dos quais os concelhos da Golegã, Entroncamento e Torres Novas se encontram dotados.

ABSTRACT

The following Report was written as part of the Supervised Teaching Internship which was held in the school B 2, 3/S Mestre Martins Correia, in Golegã, during the 2016/2017 school year. The objectives that guided this report aimed to establish a connection between the Golegã cultural heritage and the History School Program in the Basic and Secondary teaching levels.

The completion of this Work Project Report required a survey of the Golegã, Entroncamento and Torres Novas cultural heritage.

The chapter that dealt with the local heritage studied the Parish Church, the “Pelourinho”, The House of Carlos Relvas, the Typewriter and the Martins Correia Municipal Museums, located in Golegã, the National Railway Museum, in Entroncamento and the Roman Ruins of Vila Cardílio, located in Torres Novas. The study of these monuments and museums aimed to clarify which ones could be framed in the objectives of the 8th, 10th, 11th and 12th school years, taught under the Supervised Teaching Internship.

The last chapter of this report approaches three case studies, about the Golegã Parish Church, the Roman Ruins of Vila Cardílio and the National Railway Museum. As part of these three case studies, we created school lessons and visit plans, didactic and pedagogic instruments like powerpoint presentations, tests, chronologies and school visit guides.

This work established a connection between the History School Programs and the museums and cultural heritage of these three municipalities, Golegã, Entroncamento and Torres Novas.

ÍNDICE

RESUMO.....	V
ABSTRACT	VI
LISTA DE ABREVIATURAS	VIII
1. Introdução.....	1
2. A escola e o património. Algumas notas	4
3. O Património do Concelho da Golegã.....	8
3.1. Algumas notas introdutórias.....	8
3.2. Alguns apontamentos históricos sobre a Golegã	12
3.3. Igreja Matriz da Golegã	16
3.4. Pelourinho da Golegã	18
3.5. Casa-Estúdio de Carlos Relvas.....	20
3.6. Vila Cardílio (Torres Novas)	24
3.7. Museu Nacional Ferroviário (Entroncamento)	27
3.8. Museu Municipal da Máquina de Escrever	29
3.9. Museu Municipal de Martins Correia.....	32
3.10. Algumas conclusões	33
4. Estudos de Caso	35
4.1. Nota Introdutória	35
4.2. 1º Estudo de Caso - Igreja Matriz da Golegã	37
4.2.1. Introdução.....	37
4.2.2. Guião de Visita à Igreja Matriz da Golegã	38
4.2.3. Ficha de Trabalho	41
4.3. 2º Estudo de Caso - As Ruínas Romanas de Vila Cardílio	42
4.3.1. Introdução.....	42
4.3.2. Guião de Visita: As Ruínas Romanas de Vila Cardílio	43
4.3.3. Ficha de Trabalho: As Ruínas Romanas de Vila Cardílio	45
4.3.4. Cronologia: A Romanização da Península Ibérica	46
4.4. 3º Estudo de Caso - Museu Nacional Ferroviário.....	47
4.4.1. Introdução.....	47
4.4.2. Guião de Visita - Museu Nacional Ferroviário – Entroncamento	48
CONCLUSÃO.....	56
BIBLIOGRAFIA	58
LISTA DE FIGURAS OU ILUSTRAÇÕES	68
ANEXOS	70

LISTA DE ABREVIATURAS

FCSH-UNL – Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa.

PES – Prática de Ensino Supervisionada.

MNF – Museu Nacional Ferroviário.

FGM – Fundação Ginestal Machado.

CMG – Câmara Municipal da Golegã.

CMTN – Câmara Municipal de Torres Novas.

CME – Câmara Municipal do Entroncamento.

DGEMN - Direcção Geral dos Edifícios e Monumentos Nacionais.

IPPC - Instituto Português do Património Cultural.

IPPAR - Instituto Português do Património Arquitectónico.

IPM - Instituto Português dos Museus.

MMCR - Museu Municipal Carlos Reis.

FMNF - Fundação Museu Nacional Ferroviário.

MMME - Museu Municipal da Máquina de Escrever.

RMCMG - Rede de Museus da Câmara Municipal da Golegã

MMMC - Museu Municipal de Martins Correia.

MNAC - Museu Nacional de Arte Contemporânea.

MNSR – Museu Nacional de Soares dos Reis.

1. Introdução

O presente Relatório enquadra-se na realização do Mestrado em Ensino da História no 3º Ciclo do Ensino Básico e no Ensino Secundário.

Uma das componentes deste mestrado consistiu na realização da Prática de Ensino Supervisionada (PES), que decorreu na Escola B 2, 3/S Mestre Martins Correia, na Golegã, durante o ano letivo de 2016/2017.

A PES decorreu sob a orientação da Professora Raquel Henriques, na Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa (FCSH-UNL) e do Professor Mário Ferreira, na Escola Mestre Martins Correia.

O Relatório da Prática de Ensino Supervisionada decorreu sob a orientação do Professor António Camões Gouveia, também na FCSH-UNL.

A Escola B 2, 3/S Mestre Martins Correia está integrada no Agrupamento de Escolas da Golegã, Azinhaga e Pombalinho.

O Professor Mário Ferreira, orientador da PES, teve a seu cargo, no ano lectivo de 2016/2017, as turmas do 8º Ano A e B e do 10º A, 11º A e 12º A.

Os objetivos que presidiram à realização deste Relatório visaram articular o património cultural existente no concelho da Golegã e na região envolvente e o ensino de História no 3º Ciclo do Ensino Básico e no Ensino Secundário.

O concelho da Golegã possui um património histórico e arquitetónico de relevo bem como um conjunto de equipamentos de natureza cultural e museológica, dos quais podemos destacar as Igrejas Matriz da Golegã e da Azinhaga, a Casa-Estúdio de Carlos Relvas e os Museus Municipais da Máquina de Escrever e de Martins Correia. Salientam-se ainda um conjunto apreciável de propriedades agrícolas, como as Quintas da Cardiga, de Mato Miranda, da Brôa, do Salvador e de Santo António, entre outras, que testemunham a importância secular da agricultura, da pecuária e da criação de cavalos nesta região.

Para além dos monumentos e museus existentes no concelho da Golegã, destacámos também o Museu Nacional Ferroviário (MNF), localizado no Entroncamento e as Ruínas Romanas de Vila Cardílio, situadas no concelho de Torres Novas.

Decidimos integrar estes dois últimos equipamentos neste estudo, por um lado, devido à proximidade geográfica que apresentam, uma vez que estão localizados em concelhos limítrofes da Golegã, mas também pela relação que evidenciam com importantes segmentos do Programa de História do 3º Ciclo do Ensino Básico e do Secundário.

A realização deste Relatório de Estágio exigiu um levantamento do património cultural existente no concelho da Golegã. A extensão e riqueza do património goleganense, os limites temporais da Prática de Ensino Supervisionada, os limites de espaço do presente Relatório e sobretudo o necessário enquadramento deste património no Programa de História do 3º Ciclo do Ensino Básico e Secundário levaram a que este levantamento tenha sido apenas parcial, segundo critérios que explicaremos mais à frente.

A escolha deste tema, que procura articular a escola, o património e os museus, visou também aliar a formação em ensino com o Mestrado em Museologia que já detenho, também pela FCSH-UNL.

Procurámos, numa fase inicial deste Relatório, salientar algumas ideias sobre a relação entre a escola e o património que pudessem servir de base e orientar o trabalho a realizar de seguida.

Posteriormente, já no âmbito do estudo patrimonial sobre a Golegã, e tendo em conta a riqueza histórica goleganense, procurámos salientar alguns dos pontos mais importantes da história desta vila e região.

A variedade e extensão deste património obrigou, como referimos, à seleção de alguns monumentos e equipamentos museológicos sobre os quais fosse possível realizar um estudo mais pormenorizado.

O capítulo dedicado ao património goleganense incidiu sobre a Igreja Matriz, o Pelourinho, a Casa-Estúdio de Carlos Relvas e os Museus Municipais da Máquina de Escrever e de Martins Correia.

Como referimos, foram também alvo deste estudo o MNF, sedado no Entroncamento e as Ruínas Romanas de Vila Cardílio, situadas no concelho de Torres Novas.

O estudo destes monumentos e museus visou verificar quais os que se enquadravam no Programa de História do 3º Ciclo do Ensino Básico e Secundário e, mais concretamente, do 8º, 10º, 11º e 12º anos letivos, que integraram a PES.

Estabelecida esta metodologia de base, foi possível partir para a fase final deste trabalho, já com um cariz mais prático.

O último capítulo deste Relatório é composto por três estudos de caso, nos quais são abordados dois monumentos e um museu selecionados a partir do conjunto estudado no capítulo anterior.

Assim, os estudos de caso incidem sobre a Igreja Matriz da vila da Golegã (existe uma outra Igreja Matriz no concelho, na freguesia da Azinhaga), as Ruínas Romanas de Vila Cardílio e o Museu Nacional Ferroviário.

O primeiro, sobre a Igreja Matriz, alicerçou-se nos conhecimentos adquiridos nas fases anteriores deste trabalho, tendo sido planificadas três aulas. É composto também por um conjunto de materiais pedagógicos e didáticos, entre os quais uma Apresentação *Powerpoint*, um Guião de Visita Guiada e uma Ficha de Trabalho.

O segundo incidiu sobre as Ruínas Romanas de Vila Cardílio. Para este efeito foram planificadas três aulas e construídos vários materiais pedagógicos, entre os quais uma Apresentação *Powerpoint*, um Guião de Visita Guiada, uma Ficha de Trabalho e uma Cronologia.

O terceiro abordou o MNF, para o qual foi criado um Guião de Visita, no qual também se inclui a respetiva planificação e um questionário de avaliação de conhecimentos.

Todas as planificações de aulas e apresentações *powerpoint* estão presentes nos anexos deste Relatório.

A realização de um Relatório de Estágio desta natureza exige um reconhecimento prévio do património cultural existente, a adequação deste património aos programas dos anos letivos e das disciplinas lecionadas no âmbito da PES e a construção dos instrumentos e materiais pedagógicos utilizados durante as aulas.

2. A escola e o património. Algumas notas

O património pode constituir-se enquanto importante espaço dinamizador de educação. A interação entre a escola e o património pode ser uma estratégia valiosa para complementar a aprendizagem de conhecimentos e o desenvolvimento de competências.

O estudo do património, em particular do existente no meio envolvente da escola, pode ser um recurso didático e pedagógico extremamente útil no âmbito do ensino básico e secundário¹.

Por seu turno, a constituição de itinerários culturais, de visitas guiadas e de outros instrumentos pedagógicos pode também ser bastante importante para estreitar a relação entre a escola e o património existente ao seu redor.

A relação da Escola com o território municipal onde está inserida assume um papel de destaque no desenvolvimento da autonomia, da cooperação, da criatividade e do sentido crítico dos alunos.

A Escola é hoje um espaço interativo, que promove a construção de saberes e a capacidade de criação e de inovação². A valorização do património cultural é fundamental para o cumprimento da missão da Escola na sociedade de hoje.

A Escola deve proporcionar, ao longo do ensino básico e secundário, o conhecimento, a observação e a análise do património cultural, histórico e artístico. A construção de recursos didáticos ajuda também à criação de uma relação afetiva entre o aluno e o património.

A Escola, está desta forma, a privilegiar a formação de uma consciência cívica, responsável e interveniente nos alunos.

O património tem conquistado um valor extremamente importante nas sociedades atuais.

Os itinerários culturais, as visitas guiadas e outros instrumentos pedagógicos são exemplos que comprovam o valor do património associado à aquisição de conhecimentos e ao desenvolvimento de competências do ensino básico e secundário³.

¹ MALHEIRO (2010), pág. VI

² MALHEIRO (2010), pág. 9

A viabilidade destes projetos depende de inúmeros fatores relacionados com a escola e com o contexto patrimonial que a envolve, mas também da relação entre a escola e um conjunto de parceiros, de que são exemplo os municípios, os museus locais e outras instituições de natureza cultural.

A criação de projetos educativos dirigidos ao público escolar deve ter sempre em conta o contacto direto com o património, que permita a aprendizagem dos saberes e o desenvolvimento de competências.

O poder didático e pedagógico do património é inequívoco, independentemente da organização curricular do ensino básico e secundário.

A visita de estudo é uma das estratégias mais utilizadas na educação museal e patrimonial, sendo também um dos principais recursos e instrumentos pedagógicos e didáticos ao alcance do professor no âmbito do estudo do património e da ligação entre este e a escola⁴.

A eficiência das visitas de estudo depende muito da sua correta planificação. A organização destes instrumentos pedagógicos implica sempre a constituição de guiões, através dos quais será efetuada posteriormente a avaliação do aluno.

A realização de visitas de estudo requer também um conhecimento prévio dos locais a visitar, sejam eles museus, monumentos ou percursos de natureza cultural e histórica.

Estas visitas apresentam ainda grandes vantagens didáticas, uma vez que os alunos são colocados em contacto direto com o património cultural e histórico.

Tais visitas, assim como outros instrumentos pedagógicos que permitam o contacto direto com o património histórico e artístico são, de facto, mecanismos agilizadores da aprendizagem⁵.

Estas saídas do ambiente escolar habitual permitem um maior contacto entre o professor e o aluno e são uma oportunidade para este experimentar, potencializar e enriquecer os seus conhecimentos, em muitos casos utilizando as novas tecnologias.

³ MALHEIRO (2010), pág. 49

⁴ SILVA, (2011), pág. 15

⁵ LEAL (2010), pág, 39.

O contacto direto com os elementos estudados e presentes no Programa de História, por exemplo num museu, aumenta a motivação do aluno para a aprendizagem, estimulando o seu espírito de curiosidade, de descoberta e de experimentação.

Tendo em conta a natureza e a extensão do Programa e das Metas Curriculares de História, as visitas de estudo poderão ser também vantajosas no âmbito da gestão do currículo da disciplina. São instrumentos facilitadores da aprendizagem dos conteúdos programáticos por parte dos alunos.

Salientamos também a dificuldade que existe, por uma questão de gestão do tempo na sala de aula face à extensão dos programas, em lecionar todas as matérias previstas no currículo da disciplina. Também aqui a visita de estudo pode ser um instrumento valioso.

As visitas de estudo podem ser igualmente úteis quando estamos perante alunos com insucesso escolar.

O insucesso na escola está muitas vezes relacionado com o método de ensino, a motivação do aluno e a rotina de ensino dentro da sala de aula. Neste sentido, as visitas de estudo, ao oferecerem um ambiente de aprendizagem completamente diferente, podem constituir excelentes formas de ultrapassar a rotina letiva e a desmotivação, levando a uma maior inclusão e sucesso destes alunos.

A visita de estudo será tão mais eficiente no processo de ensino/aprendizagem do aluno quanto melhor for a sua planificação. O impacto destas iniciativas depende muito da importância dada às componentes didática e pedagógica das mesmas.

A articulação entre as visitas de estudo e as unidades temáticas do programa é fundamental. Por um lado, será importante definir um guião ou roteiro da visita, como os que apresentamos no âmbito deste trabalho. Por outro lado, será também relevante estabelecer um mecanismo de avaliação da visita de estudo.

A avaliação das visitas poderá ser efetuada através do preenchimento de uma ficha de estudo no próprio museu ou da elaboração de um relatório, apresentado oralmente na aula.

Uma boa preparação da visita de estudo implica o conhecimento prévio, por parte do professor, do local a visitar. O professor deverá também orientar os alunos na

visita, ajudando-os a melhor compreender os conteúdos e a responder às perguntas colocadas nos guiões, roteiros ou fichas de avaliação.

A escola e o museu têm objetivos diferentes mas também muitos elementos de ligação. São ambos instrumentos de cidadania democrática e participativa e de preservação e difusão do saber e do conhecimento.

Juntos, a escola e o museu podem desenvolver projetos educativos que promovam a organização de visitas guiadas, tornando os museus em espaços de comunicação e de aprendizagem, adquirindo um papel ainda mais significativo.

O desenvolvimento de atividades conjuntas entre a escola e o museu procura também responder às novas dinâmicas da sociedade. Desta forma, será possível sensibilizar o público escolar para os ambientes e diferentes temáticas museológicas e reforçar a articulação entre a escola e o museu.

Esta articulação permite intervir no campo educativo e cultural de uma forma inovadora, bem como valorizar o conhecimento, a sensibilidade, a criatividade e o pensamento crítico.

A visita de estudo a um museu permite entrar em contacto com novos espaços e materiais, diferentes técnicas e suportes que reforçam a ligação entre o fazer e o pensar e contém também uma vertente lúdica que estimula a intuição, a experiência e a invenção.

A deslocação ao museu conduz a uma aprendizagem diferente da realizada na escola, permitindo ao aluno adquirir novas ferramentas de investigação e de estudo que são complementares às adquiridas em ambiente de sala de aula.

3. O Património do Concelho da Golegã

3.1. Algumas notas introdutórias

A Golegã é uma vila recheada de história. O seu património histórico e arquitetónico abrange várias quintas, igrejas, capelas, palácios e casas agrícolas.

As quintas e casas agrícolas são testemunhos da importância que a fertilidade agrícola sempre deteve nesta região, podendo citar-se, a título de exemplo, a Quinta da Cardiga, testemunho da passagem dos Templários por estas paragens, a Quinta de Santo António e a Quinta do Salvador, referências ao fulgor da agricultura durante os séculos XVII e XVIII, mas também a Quinta de Guadalupe, que foi propriedade do toureiro Manuel dos Santos (1925-1973), a Quinta dos Álamos, datada do século XVI, e ainda a Quinta da Brôa, a Quinta de Dona Inês e a Quinta da Melhorada, entre outras⁶.

A vila e o concelho da Golegã estão também recheados de outros exemplos de arquitetura civil, como o Palácio do Pelourinho, que remonta ao século XVII, a Casa-Estúdio de Carlos Relvas, bem como de excelentes exemplares de arquitetura religiosa, como as Igrejas Matrizes da Golegã e da Azinhaga.

A Golegã é hoje também uma vila particularmente bem equipada do ponto de vista museológico. A sua rede de museus municipais integra o Museu Municipal da Máquina de Escrever, o Museu Municipal de Martins Correia, integrado no Centro Cultural Equuspolis, a Casa-Museu Carlos Relvas, o Museu Rural, o Núcleo Museológico Hipomóvel do Hippos Golegã e o Centro de Estudos de Geo-História e Pré-História de São Caetano⁷.

Este Relatório de Estágio visa, precisamente, estabelecer uma ligação entre o ensino da História, na sala de aula e o estudo e conhecimento do património local da Golegã.

O estabelecimento desta ligação exige, por um lado, o conhecimento profundo dos objetivos programáticos e curriculares desta disciplina ao longo do 3º Ciclo do ensino básico e do ensino secundário, mas também um aprofundamento do saber e da curiosidade sobre o património que esta vila nos apresenta.

⁶ MALTEZ (2012)

⁷ LOURENÇO (2013), pág. 5

É importante referir que a duração do estágio bem como a vastidão do património do concelho da Golegã tornariam impossível um conhecimento igualmente profundo de todos os monumentos e equipamentos museológicos que referi anteriormente.

Foi necessário, logo de início, estabelecer um crivo de seleção que permitisse destrinçar o património mais relevante do ponto de vista histórico e os equipamentos culturais e monumentos que se adequassem da melhor forma aos objetivos definidos no programa da disciplina.

Igualmente importante foi definir, do ponto de vista da exequibilidade das atividades que gostaríamos de planear e levar a cabo, quais os espaços que ofereciam maiores garantias no plano do acesso ao público, do horário de acesso, das condições de visita e da qualidade e relevância dos serviços educativos e das visitas guiadas.

Todos estes critérios são extremamente importantes quando nos deparamos com uma escolha sobre que monumento ou museu devemos visitar, com determinada turma, em determinado período do ano letivo, sobre determinado aspeto do programa.

Boa parte dos monumentos que referi não está aberta ao público de forma regular, não possui planos de visita previamente definidos e estudados, não dispõe de serviços educativos nem oferece sequer as condições logísticas e de segurança necessárias a uma visita escolar.

Neste sentido, seguindo estes critérios, o texto que se segue reflete uma primeira seleção dos principais equipamentos museológicos e elementos do património histórico e arquitetónico do concelho da Golegã.

O património cultural, histórico e artístico deste concelho é bem mais vasto, como vimos. No entanto, pareceram-nos ser estes os elementos mais interessantes e passíveis de ser integrados nos objetivos deste Relatório de Estágio.

Os equipamentos museológicos descritos mais à frente foram caracterizados de forma a ser possível reter a informação mais relevante quanto à sua importância arquitetónica, extensão, qualidade e enquadramento artístico do seu acervo e também quanto aos serviços educativos disponibilizados.

Boa parte dos equipamentos museológicos descritos estão integrados na estrutura orgânica da Câmara Municipal da Golegã (CMG), fator extremamente

importante e facilitador do desenvolvimento de atividades pedagógicas que relacionem o património e os programas escolares, como é objetivo deste Relatório.

Os equipamentos museológicos que foram alvo de um estudo mais pormenorizado estão regularmente abertos ao público e disponibilizam serviços de visita guiada, fator também importante quando pretendemos estabelecer uma articulação entre os seus acervos e os programas da disciplina de História do Ensino Básico e do Ensino Secundário. Um dos fatores de exclusão de outros equipamentos e monumentos existentes no concelho é precisamente o facto de não estarem abertos ao público nem estarem integrados na estrutura orgânica municipal.

Salientamos também que nem todos os equipamentos referidos estão localizados no concelho da Golegã, nomeadamente as Ruínas Romanas de Vila Cardílio, em Torres Novas e o Museu Nacional Ferroviário, no Entroncamento.

Estes dois últimos espaços foram incluídos no âmbito deste trabalho devido a algumas razões que passo a explicar.

As Ruínas Romanas de Vila Cardílio são um importante exemplo de uma antiga *villa* romana, unidade de exploração agrícola que modelou a romanização no espaço peninsular durante os primeiros séculos da era cristã.

A grande proximidade geográfica e a enorme importância do estudo da época romana e da ocupação peninsular pelos romanos levou-nos a optar por não restringir o nosso estudo apenas ao território da vila da Golegã mas, pelo contrário, a incluir estes vestígios arqueológicos cuja visita, como comprovaremos mais à frente, será determinante para um conhecimento mais aprofundado e fundamentado da romanização peninsular.

O MNF, sedado no Entroncamento, foi a segunda exceção à circunscrição geográfica estabelecida sobre a Golegã.

O acervo deste museu é particularmente relevante para a história do século XIX português, do desenvolvimento industrial que este sofreu na segunda metade desse século e das políticas de fomento comercial, agrícola e técnico, levadas a cabo por Fontes Pereira de Melo (1819-1887).

As coleções deste museu são também exemplarmente representativas da história dos caminhos-de-ferro em Portugal e do seu impacto no território, na população, na cultura e nos hábitos de vida.

O Entroncamento, cidade que radica a sua origem precisamente na passagem do caminho-de-ferro por esta região, é disso um pertinente exemplo.

Neste sentido, e seguindo o critério de escolha da Vila Cardílio, não poderia deixar de fora este museu, no sentido de permitir ao aluno o conhecimento mais amplo do impacto dos caminhos-de-ferro e da industrialização na sua própria região.

Procurámos, para todos os monumentos estudados, conhecer melhor a sua história e a das personagens envolvidas na sua construção, a relevância do seu património integrado, o seu grau de conservação, as várias intervenções de restauro já realizadas e as modificações arquitetónicas e funcionais sofridas pelo edifício ao longo da sua existência.

No caso dos equipamentos museológicos, foi também bastante relevante reconhecer as entidades que os tutelam, seja a Fundação Ginestal Machado (FGM), no caso do MNF, a Câmara Municipal de Torres Novas (CMTN), no caso de Vila Cardílio e a Câmara Municipal da Golegã nos restantes; a história associada às personagens históricas que representam, no caso do proprietário agrícola e introdutor da fotografia Carlos Relvas (1838-1894) e do escultor e pintor Martins Correia (1910-1999); a qualidade e extensão do seu acervo, as diversas categorias das suas coleções, bem como a sua localização, contactos, serviços disponibilizados, estrutura funcional, missão e objetivos.

Todos estes aspetos foram particularmente importantes para o conhecimento dos monumentos e equipamentos em causa e, em consequência, para uma melhor análise e seleção daqueles que seriam abordados no âmbito dos estudos de caso.

O devido enquadramento destes monumentos e equipamentos culturais não ficaria completo sem algumas noções da História da Golegã, que permitem uma perspetiva mais abrangente sobre esta vila no espaço e no tempo.

3.2. Alguns apontamentos históricos sobre a Golegã

Estes breves apontamentos históricos pretendem oferecer uma perspetiva geral da História do concelho da Golegã, que permita posteriormente enquadrar melhor os monumentos e equipamentos museológicos e culturais que são referidos e que foram escolhidos enquanto estudos de caso.

A origem e desenvolvimento da Golegã radicam na fertilidade dos seus campos e na sua localização privilegiada no mapa viário nacional⁸.

A presença humana na área geográfica do atual concelho da Golegã remonta à Pré-História. Existem também vestígios da presença romana e muçulmana.

D. Afonso Henriques, em Outubro de 1169, doou a atual Quinta da Cardiga à Ordem dos Templários⁹. Esta doação insere-se num plano mais vasto que incluía os Castelos de Tomar, de Almourol, do Vale do Nabão e da Foz do Zêzere¹⁰.

A entrega destes territórios à Ordem dos Templários destinava-se a povoar e proteger toda esta região dos ataques dos muçulmanos¹¹.

Grande parte do atual território do concelho da Golegã estava integrada no Reguengo de Toxe, constituído por um conjunto de terras pertença do monarca, geralmente aforadas¹².

A Golegã sempre se destacou pela sua localização privilegiada, em particular no que toca à agricultura e à pecuária. A atual cidade de Torres Novas, por exemplo, beneficiou desde cedo da proximidade da Golegã e da fertilidade dos seus campos agrícolas¹³.

A Golegã encontrou-se, desde o período da Reconquista até ao primeiro quartel do século XVI, integrada no concelho de Santarém. O crescimento urbano deste

⁸ OLIVEIRA (2005), pág. 13.

⁹ OLIVEIRA (2005), pág. 16

¹⁰ BATISTA (2009), pág. 25

¹¹ BATISTA (2009), pág. 26

¹² OLIVEIRA, (2005), pág. 22.

¹³ OLIVEIRA (2005), pág. 26.

território é notório e célere ao longo do século XIV, sempre sustentado pela sua riqueza agrícola.

A estrada régia, que fazia a ligação entre Lisboa e o Porto, passava pela Golegã oferecendo a esta região uma importância estratégica bastante grande e que acrescia à sua riqueza agrícola. São várias as referências às estalagens existentes no atual território da Golegã e à importância desta zona enquanto ponto de passagem e de abastecimento no âmbito da ligação viária entre o norte e o sul do país¹⁴.

Em 1501, o rei D. Manuel I (1469-1521) autorizou Fernão de Lourenço, conselheiro do monarca, a construir o Mosteiro da Ordem dos Jerónimos. Esta obra não viria a concretizar-se mas determinou a construção da Igreja Matriz, grande exemplo da arquitetura tardo-gótica de gramática manuelina e monumento nacional desde 1910¹⁵.

D. João III (1502-1557), em Novembro de 1534, eleva a Golegã ao estatuto de vila, estabelecendo os limites do respetivo concelho¹⁶ e definindo a sua autonomia face ao concelho de Santarém.

Alcançada a autonomia administrativa, a Golegã surge já no censo de 1537 enquanto vila autónoma do concelho de Santarém.

Em meados do século XVI, é instituída no jovem concelho da Golegã uma feira consagrada a S. Francisco, que se realizava no dia 4 de Outubro.

O rei D. Sebastião (1554-1578) alterou posteriormente essa data, passando a feira da Golegã a realizar-se em Novembro, no dia de S. Martinho¹⁷. Esta feira, que passou a designar-se Feira de S. Martinho desde 1571, tornou-se um dos grandes pólos de desenvolvimento da vila.

Em 1641, o rei D. João IV (1604-1656) reforçou a autonomia judicial da Golegã, embora esta permanecesse integrada na comarca de Santarém.

¹⁴ OLIVEIRA (2005), pág. 23.

¹⁵ MALTEZ (2012), pág. 7

¹⁶ OLIVEIRA (2005), pág. 38.

¹⁷ OLIVEIRA (2005), pág. 49.

O crescimento da Golegã, exponenciado pela sua riqueza agrícola e pecuária e pela dinamização da Feira de S. Martinho, irá acentuar-se ao longo dos séculos XVII e XVIII¹⁸.

A importância da Golegã acentua-se ainda mais por se encontrar na encruzilhada entre as estradas que fazem a ligação entre Lisboa, Tomar, Coimbra e Abrantes.

Em meados do século XVIII a Golegã, concelho com apenas uma freguesia, apresenta cerca de 2000 habitantes¹⁹.

O início do século XIX é marcado por alguns fatores que condicionam o desenvolvimento do concelho goleganense²⁰. Por um lado, são construídas novas vias de ligação entre Lisboa e Porto que privilegiam a região de Leiria, em detrimento da Golegã. Por outro, este concelho, tal como outras regiões do país, viria também a ser afetado pelas invasões napoleónicas.

Junot esteve mesmo instalado em 1807, na Quinta do Salvador, localizada na Golegã²¹. As campanhas da Guerra Peninsular, o conseqüente abandono de alguma produção agrícola e até a emigração para o Brasil prejudicaram também o concelho.

As primeiras décadas do século XIX são, portanto, sinónimo de decadência e empobrecimento, acentuados pela Guerra Civil entre liberais e absolutistas.

Rafael José da Cunha (1792-1868), ao longo do século XIX, foi uma importante referência na Golegã. Destacou-se enquanto proprietário agrícola, como um dos principais elementos responsáveis pela recuperação económica da Golegã durante este período²².

Em 1865, por decreto do rei D. Luís (1838-1889), passa a realizar-se na Golegã um Concurso Anual de gado cavalari²³.

¹⁸ OLIVEIRA (2005), pág. 61

¹⁹ OLIVEIRA (2006), pág. 13.

²⁰ OLIVEIRA (2005), pág. 71.

²¹ OLIVEIRA (2005), pág. 71.

²² BARRETO (1999), pág. 10.

²³ OLIVEIRA (2005), pág. 75.

Os anos seguintes são já de franca recuperação económica e social. A Feira de S. Martinho encontra uma nova dimensão através da realização deste Concurso. A abertura das estações ferroviárias de Torres Novas (Riachos) e do Entroncamento permitem à Golegã ganhar novamente uma localização estratégica relevante na proximidade destas importantes redes ferroviárias.

Em 1875, a Golegã ascende a sede de Comarca e em 1895, a freguesia da Azinhaga, que pertencia anteriormente ao concelho de Santarém, é anexada ao concelho da Golegã²⁴.

O final do século XIX e o início do século XX representam um período de alguma desorganização para a Feira da Golegã.

O goleganense José Relvas (1858-1929), filho de Carlos Relvas, é um dos elementos mais destacados do movimento republicano, estando associado à proclamação da implantação da República a partir da varanda da Câmara Municipal de Lisboa, em 1910.²⁵

Os anos 30 e 40 do século XX são sinónimos de afirmação da Golegã no âmbito nacional²⁶.

A Feira da Golegã ganha, a partir de 1972, a denominação de Feira Nacional do Cavalo.

O início do século XXI viu nascer um conjunto de equipamentos desportivos e culturais como o atrás referido Equuspolis, onde está instalado o Museu Municipal de Martins Correia²⁷.

A Golegã foi também declarada, em 1999, a Capital do Cavalo, passando a integrar a Feira Internacional do Cavalo Lusitano. Em 2005, é incluída na Rede de Cidades Europeias do Cavalo (EuroEquus).

Passamos de seguida a analisar alguns monumentos da Golegã.

²⁴ MALTEZ (2012), pág. 8.

²⁵ OLIVEIRA (2006), pág. 126.

²⁶ OLIVEIRA (2006), pág. 142

²⁷ OLIVEIRA (2006), pág. 170.

3.3. Igreja Matriz da Golegã



Fig. 1. Perspetiva geral da Igreja Matriz da Golegã²⁸

A Igreja Matriz da Golegã, também designada de Igreja de Nossa Senhora da Conceição, é um dos principais exemplos de arquitetura religiosa no concelho²⁹.

Este templo está localizado no Largo da Imaculada Conceição, no centro histórico desta vila, tendo sido classificado enquanto Monumento Nacional pelo Decreto de 16-06-1910, DG, n.º 136, de 23-06-1910.



Fig. 2. Localização da Igreja Matriz no centro da Golegã³⁰

A Igreja Matriz da Golegã é um edifício quinhentista, construído por iniciativa do rei D. Manuel I (1495-1521), muito provavelmente pelo arquiteto Diogo Boitaca.

²⁸ <http://www.patrimoniocultural.gov.pt/pt/patrimonio/patrimonio-imovel/pesquisa-do-patrimonio/classificado-ou-em-vias-de-classificacao/geral/view/71206/>

²⁹ <http://www.patrimoniocultural.gov.pt/pt/patrimonio/patrimonio-imovel/pesquisa-do-patrimonio/classificado-ou-em-vias-de-classificacao/geral/view/71206/>

³⁰ <https://www.google.pt/maps/place/Igreja+Matriz+da+Goleg%C3%A3+ou+Igreja+de+Nossa+Sra.+da+Concei%C3%A7%C3%A3o,+2150-165+Goleg%C3%A3/@39.4016481,->

Este templo do século XV conserva um dos mais importantes e emblemáticos portais do ciclo manuelino, caracterizado por arco cairelado ladeado por colunas torsas que definem um alfiz onde se concentram os símbolos mais importantes da simbólica de D. Manuel, e que emolduram um pequeno nicho onde se conserva uma imagem da Virgem com o Menino³¹.

As obras da Igreja de Nossa Senhora da Conceição, iniciadas em finais do século XV, terão terminado em meados do século XVI³². A sua construção terá beneficiado do trabalho de mestres portugueses e estrangeiros, oriundos sobretudo de Castela, de França, da Alemanha e da Flandres³³.

Na fachada principal, junto ao oráculo, surgem as armas de D. João II (1481-1495)³⁴. Esta fachada encontra-se hoje assimétrica em relação à primitiva organização tripartida, devido à torre sineira quadrangular adossada ao lado sul. Organizada em registos separados por cornijas de mísulas, termina num elevado coruchéu, elemento que foi reintegrado no restauro do monumento na década de 40 do século XX, e que foi inspirado na torre da Igreja de São João Baptista de Tomar.

O interior da Igreja encontra-se enriquecido com alguns elementos modernos, como o púlpito renascentista e os azulejos da capela-mor, do século XVIII, alusivos a cenas do Novo Testamento³⁵. Destaca-se também a a imagem de Nossa Senhora da Imaculada Conceição em madeira policromada setecentista.

A Igreja de Nossa Senhora da Conceição sofreu várias transformações ao longo dos séculos XIX e XX³⁶. Nos anos 30 do século XX a Igreja apresentava ainda o antigo relógio da Câmara, entretanto desaparecido.³⁷

³¹ <http://www.patrimoniocultural.gov.pt/pt/patrimonio/patrimonio-imovel/pesquisa-do-patrimonio/classificado-ou-em-vias-de-classificacao/geral/view/71206/>

³² MARQUES (2016), pág. 13.

³³ MARQUES (2016), pág. 13.

³⁴ MALTEZ (2012), pág. 67.

³⁵ MALTEZ, (2012), pág. 68.

³⁶ OLIVEIRA (2006), pág. 73.

³⁷ OLIVEIRA (2006) pág. 73.

A Direcção Geral dos Edifícios e Monumentos Nacionais (DGEMN) promoveu uma grande campanha de Restauro durante os anos 40 do século XX³⁸.

O Instituto Português do Património Arquitectónico (IPPAR) desenvolveu também, em 1998, uma intervenção de conservação e restauro.³⁹



Fig. 3. Nave e Capela Mor da Igreja Matriz da Golegã⁴⁰

3.4. Pelourinho da Golegã



Fig. 4. Perspetiva geral do Pelourinho da Golegã⁴¹

³⁸ LOURENÇO (1998), pág, 11

³⁹ LOURENÇO (1998), pág, 11

⁴⁰ <http://www.patrimoniocultural.gov.pt/pt/patrimonio/patrimonio-imovel/pesquisa-do-patrimonio/classificado-ou-em-vias-de-classificacao/geral/view/71206/>

⁴¹ http://www.patrimoniocultural.gov.pt/pt/patrimonio/patrimonio-imovel/pesquisa-do-patrimonio/classificado-ou-em-vias-de-classificacao/geral/view/74448

O Pelourinho, também denominado Picota da Golegã, está bem integrado no Largo da Imaculada Conceição, junto à Igreja Matriz e ao denominado Palácio do Pelourinho, no centro histórico da vila⁴².

Este monumento encontra-se classificado enquanto Imóvel de Interesse Público pelo Decreto n.º 23 122, DG, I Série, n.º 231, de 11-10-1933⁴³.

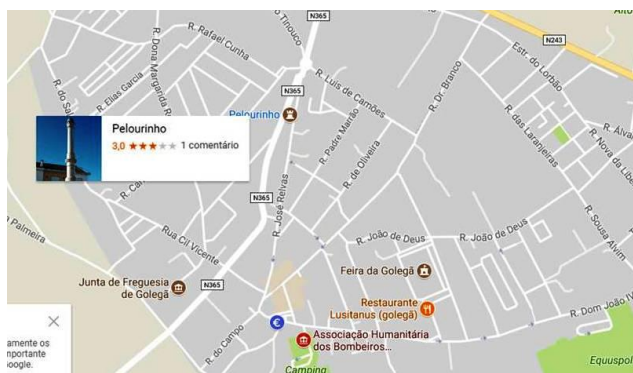


Fig. 5. Localização geográfica do Pelourinho da Golegã.⁴⁴

O Pelourinho é constituído por um soco de três degraus octogonais, de parapeito, onde assenta o conjunto da base, coluna e remate. A base é formada por diversas peças, integrando um primeiro troço quadrangular, um outro idêntico mas de menores dimensões e com as arestas chanfradas a toda a altura, e por anéis circulares. O fuste, liso e de secção circular, é rematado por um capitel composto por várias molduras quadradas sobre um anel. É coroadado por um ornato em forma de campânula, com labores de difícil identificação, rematado por uma pequena meia esfera.

⁴² MALTEZ (2012), pág. 59.

⁴³ <http://www.patrimoniocultural.gov.pt/pt/patrimonio/patrimonio-imovel/pesquisa-do-patrimonio/classificado-ou-em-vias-de-classificacao/geral/view/74448>

⁴⁴ [https://www.google.pt/maps/@39.4039667,-8.4900085,16z;](https://www.google.pt/maps/@39.4039667,-8.4900085,16z)

3.5. Casa-Estúdio de Carlos Relvas



Fig. 6. Perspetiva geral da Casa-Estúdio de Carlos Relvas⁴⁵

Carlos Relvas

Carlos Relvas (1838-1894) nasceu no Palácio do Outeiro, na vila da Golegã. Em 1853, casou com Margarida Mendes de Azevedo, filha dos viscondes de Podentes. O casal teve cinco filhos, um dos quais, José Relvas (1858-1929), distinguiu-se na contestação ao regime monárquico e está ligado à implantação do regime republicano.

Carlos Relvas beneficiou de uma educação eclética para a qual contribuiu o seu pai, um dos maiores proprietários do concelho, ao qual chegou a presidir. Irá destacar-se enquanto criador de cavalos, cavaleiro, político, músico e fotógrafo⁴⁶.

Enquanto grande proprietário agrícola, procura introduzir os novos processos da mecanização, tendo sido premiado em várias feiras internacionais.

Após o falecimento da sua mulher, em 1887, casa-se novamente com Mariana Correia, facto que gera alguns conflitos familiares, tendo o filho José Relvas mudado a sua residência para Alpiarça.

Carlos e Mariana passam a residir na Casa-Estúdio que o fotógrafo havia construído, até à morte deste em 1894.

Carlos Relvas é uma das figuras centrais da História da Fotografia Portuguesa. Foi sem dúvida um grande retratista, que fotografou toda a sociedade portuguesa, desde os camponeses e os mendigos até à aristocracia.

⁴⁵ <http://www.casarelvas.com/site/pt/>

⁴⁶ OLIVEIRA (2006), pág. 17.

Para além do retrato, deixou também inúmeros registos de monumentos, paisagens e fotografias de animais.

Carlos Relvas começou a interessar-se por fotografia nos anos 60 do século XIX. Rapidamente ganha um grande fascínio pela arte da fotografia, montando um pequeno *atelier* fotográfico na sua propriedade.

Em 1869 é admitido enquanto membro da Sociedade Francesa de Fotografia. O seu sucesso leva-o a construir uma Casa-Estúdio, especialmente dedicada à arte fotográfica, concluída em 1876.

Carlos Relvas procurou também introduzir e divulgar várias inovações no campo da fotografia, entre as quais a fototipia e a fotografia estereoscópica.

A Casa-Estúdio de Carlos Relvas

A Casa-Estúdio de Carlos Relvas, também denominada Casa-Museu, *Atelier* ou Museu de Fotografia de Carlos Relvas, está localizada na Rua José Farinha Relvas, na Golegã.

Está classificado enquanto Imóvel de Interesse Público pelo Decreto n.º 2/96, DR, I Série-B, n.º 56, de 6-03-1996⁴⁷.

Este conjunto arquitetónico oitocentista, da autoria do arquiteto Henrique Carlos Afonso, é constituído por um imóvel e jardim do qual sobressaem algumas espécies exóticas, um lago e um parque infantil.

O edifício foi doado por Maria Amália Câmara Pina, descendente da segunda mulher de Relvas, em 1981, à Câmara Municipal da Golegã, que o transformou na Casa-Museu Carlos Relvas⁴⁸.

Em 1989 deu-se início a um protocolo entre o então Instituto Português do Património Cultural (IPPC) e a autarquia goleganense, com o propósito de gizar uma solução que permitisse devolver a identidade histórica à Casa-Estúdio.

⁴⁷ <http://www.patrimoniocultural.gov.pt/pt/patrimonio/patrimonio-imovel/pesquisa-do-patrimonio/classificado-ou-em-vias-de-classificacao/geral/view/74450/>

⁴⁸ Oliveira (2006) pág 112

A reabilitação do edifício, iniciada em 1998, foi assumida pelo Instituto Português do Património Arquitetónico (IPPAR), ficando a recuperação, estudo e salvaguarda do espólio documental a cargo do Instituto Português dos Museus (IPM), sucessor do Instituto Português do Património Cultural (IPPC).⁴⁹

O acervo da Casa-Museu é constituído pelo arquivo fotográfico, pelo mobiliário, instrumentos musicais e pela biblioteca particular de Carlos Relvas, que conta com cerca de quatro mil volumes⁵⁰.

A construção do edifício, que se destinava a funcionar como estúdio e laboratório de fotografia, ocorreu entre 1872 e 1875. Alguns anos mais tarde, em 1887, o imóvel sofreu obras de adaptação a residência, o que ocasionou uma grande transformação no seu interior.

O *Chalet*, designação pela qual é conhecido na Golegã, foi construído de raiz como monumento aos precursores da fotografia, dedicado especificamente ao desenvolvimento de uma arte, propiciando a Relvas um local de excelência para a revelação dos seus negativos e ensaio dos novos métodos daquela disciplina, simultaneamente científica e tecnológica⁵¹.

Trata-se de um edifício de dois pisos de planta longitudinal formado pela articulação de diversos corpos, com cobertura diferenciada em telhados de duas águas e em pavilhão.

Na fachada principal podemos ver os bustos de Nièpce (1765-1833) e de Daguerre (1787-1851), os precursores da fotografia⁵².

⁴⁹ OLIVEIRA (2006), pág. 113.

⁵⁰ <http://www.patrimoniocultural.gov.pt/pt/patrimonio/patrimonio-imovel/pesquisa-do-patrimonio/classificado-ou-em-vias-de-classificacao/geral/view/74450/>

⁵¹ MALTEZ (2012), pág. 61.

⁵² <http://www.patrimoniocultural.gov.pt/pt/patrimonio/patrimonio-imovel/pesquisa->



Fig. 7. Localização geográfica da Casa-Estúdio Carlos Relvas na Golegã⁵³

Em 2001, o edifício foi alvo de uma intervenção que culminou com a sua reabertura em 2007⁵⁴.

A Casa-Estúdio de Carlos Relvas é tutelada pela Câmara Municipal da Golegã, estando enquadrada, do ponto de vista funcional e orgânico, no Serviço de Cultura e Turismo da Divisão de Intervenção Social⁵⁵. Está aberta ao público e disponibiliza serviços educativos, nomeadamente visitas guiadas, atividades lúdicas e pedagógicas e *workshops*.

A Casa-Estúdio está disponível através dos seguintes contactos: Largo D. Manuel I, 2150-128 Golegã, 249 979 120 (telefone) e casa.relvas@cm-golega.pt (email).

⁵³ <https://www.google.pt/maps/place/Casa+-+Est%C3%BAdio+Carlos+Relvas/@39.402141,-8.4928042,16z/data=!4m5!3m4!1s0xd188a74a32ec633:0xab1cb1798c876b39!8m2!3d39.4021369!4d-8.4884268>

⁵⁴ OLIVEIRA (2006), pág. 170.

⁵⁵ <http://www.cm-golega.pt/concelho/turismo/item/196-relvas>

3.6. Vila Cardílio (Torres Novas)

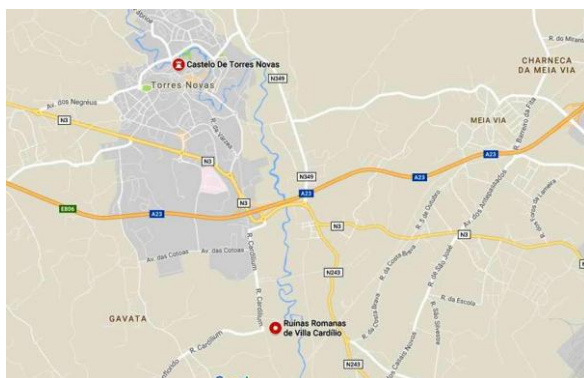


Fig. 8. Perspetiva geral das Ruínas Romanas de Vila Cardílio⁵⁶

O atual território do concelho de Torres Novas apresenta muitos vestígios da presença romana. Foram encontrados cerca de 28 sítios com artefactos e marcas da ocupação romana nesta região. Merecem particular destaque as ruínas romanas de Vila Cardílio, localizadas na Estrada Municipal de Santo António da Caveira, a 2 km de Torres Novas.

Estas ruínas romanas estão classificadas enquanto Monumento Nacional pelo Decreto n.º 47 508, DG, I Série, n.º 20, de 24-01-1967.

A presente classificação reporta-se aos vestígios de uma *villa* que terá sido ocupada entre os séculos I e IV d.C.. Dos artefactos que chegaram até nós destaca-se a presença de um mosaico no qual se observam as efígies e o nome de dois dos proprietários deste vasto complexo: Cardílio e Avita⁵⁷.



⁵⁶ <http://www.viverotejo.pt/visitar/Details/77>

⁵⁷ <http://www.patrimoniocultural.gov.pt/pt/patrimonio/patrimonio-imovel/pesquisa-do-patrimonio/classificado-ou-em-vias-de-classificacao/geral/view/69757>

Fig. 9. Localização geográfica das Ruínas Romanas de Vila Cardílio, junto à cidade de Torres Novas⁵⁸

Em 1936, no decorrer da realização de alguns trabalhos agrícolas, surgiu um mosaico, tendo este vestígio sido visitado por entidades oficiais⁵⁹. Esta descoberta acabou por cair no esquecimento, tendo os proprietários dos terrenos começado a arrancar a pedra que aflorava do solo.

Em 1962, o novo Presidente da Câmara de Torres Novas, Sr. Fernando Cunha, gizou uma estratégia de valorização do concelho, que incluía também a vertente arqueológica. É neste enquadramento que o Coronel Afonso do Paço (1895-1968)⁶⁰ é convidado, nesse mesmo ano, a dirigir uma campanha de exploração arqueológica do local onde havia sido encontrado o mosaico⁶¹.

Estas escavações permitiram descobrir um conjunto de alicerces, bases de colunas e pavimentos ornamentados com diversos padrões de “tesselas” pertencentes a uma antiga quinta romana composta por três elementos principais: entrada, peristilo e exedra.⁶²

As Ruínas Romanas de Vila Cardílio apresentam, segundo Afonso do Paço, três fases de ocupação, entre os séculos I e IV d.C.⁶³

Após a escavação parcial das ruínas de Vila Cardílio, entre 1963 e 1964, Jorge e Adília Alarcão foram convidados, em 1964, tanto por Fernando Cunha como pelo próprio Afonso do Paço, a encetar o estudo do espólio que surgira da exploração arqueológica destas ruínas⁶⁴.

⁵⁸<https://www.google.pt/maps/search/vila+romana+de+card%C3%ADlio+c+m+torres+novas/@39.4663677,-8.5334641,14z>

⁵⁹ PAÇO (1964), pág. 5

⁶⁰ <http://www.cm-torresnovas.pt/index.php/patrimoniomonumental#informação-2>

⁶¹ PAÇO (1964), pág. 6

⁶² <http://www.cm-torresnovas.pt/index.php/patrimoniomonumental#informação-2>

⁶³ BATISTA (2009), pág. 15.

⁶⁴ ALARCÃO e ALARCÃO (1967), pág. 3

A designação Vila Cardílio advém de uma inscrição num mosaico encontrado durante as escavações arqueológicas. A inscrição diz: VIVENTES / CARDILIUM/ ET / AVITAM / FELIX TURRE. Uma das traduções possíveis para esta inscrição é: Ó Torre feliz, enquanto vivem Cardílio e Avita⁶⁵.

O Museu Municipal Carlos Reis (MMCR), em Torres Novas, apresenta no núcleo permanente de arqueologia, designadamente na exposição “O Canto de Avita”, moedas dos séculos II, III e IV d.C. cerâmicas, bronzes, vidros, ânforas, anéis e até uma estátua de Eros recolhidas em Vila Cardílio durante as escavações de Afonso do Paço. Este espólio foi alvo do estudo de Jorge e Adília Alarcão⁶⁶.



Fig. 10. Maquete de Villa Cardílio disponível ao público visitante⁶⁷

Estas ruínas romanas estão abertas ao público e disponibilizam serviço de visitas guiadas orientadas, sendo que a entrada é gratuita,⁶⁸ mediante contacto telefónico, através dos números 249 812 535 e 936 669 046 e do email museu.municipal@cm-torresnovas.pt.

A Câmara Municipal de Torres Novas (CMTN) disponibiliza também informação através dos sites www.cm-torresnovas.pt e <http://museu.cm-torresnovas.pt> e da página de facebook: www.facebook.com/MMCarlosReis.

⁶⁵ FREIRE (1986), pág. 99

⁶⁶ ALARCÃO e ALARCÃO (1967), pág. 4

⁶⁷ <http://pedrasehistoria.blogspot.pt/2014/10/>

⁶⁸ <http://www.cm-torresnovas.pt/index.php/patrimoniomonumental#informação-2>

3.7. Museu Nacional Ferroviário (Entroncamento)



Fig. 11. Perspetiva da entrada do Museu Nacional Ferroviário, no Entroncamento⁶⁹

Missão e Vocação

Dada a complexidade científica e técnica do seu acervo patrimonial, o Museu Nacional Ferroviário (MNF) integra-se no ramo da Museologia Industrial, enquanto disciplina académica, coincidindo cronologicamente com a definição, implementação e projeção da cultura ferroviária, a um nível nacional e internacional, desde os finais do século XVIII até à atualidade.

Neste sentido, interessa ao MNF a identificação, conservação e valorização deste património, respeitando as suas diferentes fases tecnológicas, bem como a sua relação intrínseca com a história dos transportes e da produção industrial, atendendo à evolução própria dos diferentes serviços e equipamentos relacionados com a exploração dos transportes ferroviários⁷⁰.

Objetivos

O MNF é uma instituição museológica de âmbito nacional gerida pela Fundação Museu Nacional Ferroviário Armando Ginestal Machado (FMNF), de acordo com o Decreto-lei n.º 38/2005, de 17 de Fevereiro, e respetivos estatutos (Art.º 4.º e 5.º do Capítulo I), nomeadamente no que respeita aos seus fins e atividades.

⁶⁹ http://www.fmnf.pt/museu_colecoes

⁷⁰ Regulamento do Museu Nacional Ferroviário, aprovado em Conselho de Administração da Fundação Museu Nacional Ferroviário, no dia 20 de Julho de 2016, pág. 6

categorias: Material Circulante; Equipamentos de Via e Catenária; Equipamento de Oficina; Equipamentos de Comunicação, Informação e Sinalização; Equipamentos de Estação, Escritório, Tarifários e Bilhética; Proteção e Segurança; Equipamentos de Restauração; Equipamento Têxtil; Equipamento de Saúde e Espólio Documental⁷³.

Património Imóvel

O acervo do MNF inclui igualmente um conjunto patrimonial edificado digno de nota. Com efeito, subsistem no Complexo Ferroviário do Entroncamento diversos edifícios históricos ligados ao universo ferroviário, devendo destacar-se o Armazém de Víveres, a Rotunda de Locomotivas, as Oficinas do Vapor e a Central Elétrica.

O MNF está disponível através do telefone 249 130 382 e do email museu@fnnf.pt. As visitas guiadas poderão ser marcadas através do email: servicoaocliente@fnnf.pt.

3.8. Museu Municipal da Máquina de Escrever



Fig. 13. Perspetiva do interior do Museu Municipal da Máquina de Escrever.⁷⁴

O Museu Municipal da Máquina de Escrever (MMME), é constituído pelos espaços que lhe estão adstritos, situados no edifício da Biblioteca Municipal (Piso Superior), na Rua da Oliveira, na Golegã, e pelo acervo museológico que lhe está afeto.

Missão e Vocação

O MMME tem por missão a investigação, conservação, documentação, valorização, divulgação, aquisição e difusão dos testemunhos materiais e imateriais da mecanografia utilizada como meio para o registo da escrita do Homem na área do

⁷³ Regulamento do Museu Nacional Ferroviário (2016), pág. 4.

⁷⁴ <https://lifecooler.com/artigo/atividades/museu-municipal-da-maquina-de-escrever/438137>

Objetivos

O objetivo deste Museu é dar a conhecer esta coleção composta por máquinas produzidas por diversos fabricantes, abrangendo os séculos XIX e XX, a partir de países como Estados Unidos, Japão, Alemanha, Suíça, Itália, Portugal, Inglaterra, Suécia, França, Rússia, Eslovénia, Áustria, entre outros⁷⁹.

A coleção contém pelo menos uma máquina de escrever de cada década, desde 1880, e permite fazer uma leitura da evolução tecnológica e de fabrico como expressões de valorização do património industrial, ao nível dos bens de produção, de consumo e do produto final em Portugal e no mundo.⁸⁰

Para além das máquinas, a coleção inclui ainda um acervo documental de grande interesse, composto por postais, livros de instruções e manuais de utilização, cartazes de propaganda, faturas, livros de apoio ao utilizador, para além de um vasto espólio de acessórios utilizados na manutenção e funcionamento das máquinas, como fitas, bobines, pincéis, caixas de papel químico, tintas, óleos de limpeza, borrachas e outros.

A máquina de escrever, a nível do avanço das tecnologias de fabrico, de inovação, comercialização e concorrência, é uma expressão da modernização técnica e tecnológica e um marco incontornável da história da tecnologia da humanidade⁸¹.

O MMME está disponível através do telefone 249 979 126, do email mmmescrever@cm-golega.pt e do site www.cm-golega.pt.

⁷⁹ LOURENÇO (2013), pág. 13.

⁸⁰ LOURENÇO (2013), pág. 14.

⁸¹ Site da Câmara Municipal da Golegã consultado em Outubro de 2017: <http://www.cm-golega.pt/areas-de-actividade/cultura/item/407-museu-municipal-da-maquina-de-escrever>

3.9. Museu Municipal de Martins Correia



Fig. 15. Perspetiva do Interior do Museu Municipal de Martins Correia⁸²

Estrutura funcional e enquadramento orgânico

O Museu Municipal de Martins Correia (MMMC) está localizado na Rua D. João IV, na Golegã, sendo tutelado pela Câmara Municipal da Golegã.

Este museu está integrado no já referido Centro Cultural Equuspolis, edifício polivalente, de traça atual, construído de raiz, rodeado por um jardim de 2ha e uma lagoa.

Coleção

A coleção é constituída por cerca de 700 peças de pintura, desenho, cerâmica, medalhística e escultura, distribuídas por dois espaços de exposição. Congrega ainda um espaço, com obras de outros artistas, amigos e alunos de Martins Correia, tais como Artur Bual, António Carmo, Maria Luísa Costa Rosa, Artur Franco, João Duarte, José Coelho e Ana Vidigal, entre outros.

A obra de Martins Correia é figurativa e de inspiração essencialmente antropomórfica, onde o escultor, não obstante a diversidade específica dos meios e das linguagens, soube incutir a sua poética pessoal. Os temas que mais frequentemente trabalhou foram o rosto, a mulher e o cavalo. Revela emulações da escultura internacional, nomeadamente da morfologia de Arturo Martini, Marino Marini e Pablo Picasso⁸³.

⁸² <http://www.cm-golega.pt/concelho/turismo/item/197-equupolis>

⁸³ Site do Câmara Municipal da Golegã consultado em Outubro de 2017: <http://www.cm-golega.pt/areas-de-actividade/cultura/item/608-museu-municipal-martins-correia;>

O MMMC está disponível através dos contactos telefónico 249 979 000, eletrónico equuspolis@cm-golega.pt e do site www.cm-golega.pt.

Este museu coloca à disposição do visitante um serviço de visitas guiadas.



Fig. 16. Localização geográfica do Museu Municipal de Martins Correia⁸⁴

Martins Correia

O escultor e pintor Mestre Martins Correia (1910-1999) nasceu na Golegã.⁸⁵

Foi aluno da Casa Pia de Lisboa, tendo concluído posteriormente o Curso de Escultura da Escola Superior de Belas Artes, também em Lisboa. Granjeou enorme prestígio nacional e internacional enquanto artista de expressão neo-realista e modernista⁸⁶.

Martins Correia está igualmente representado no Museu Nacional de Arte Contemporânea (MNAC), em Lisboa, no Museu Nacional de Soares dos Reis (MNSR), no Porto e no Museu de Arte Moderna de Madrid, entre outros. Tem obras públicas na Estação do Metropolitano de Lisboa, no Jardim Botânico de Coimbra, na Torre Vasco da Gama e na Faculdade de Letras, em Lisboa, entre outros⁸⁷.

3.10. Algumas conclusões

Este capítulo do Relatório de Estágio procura assim estabelecer um conhecimento mais exato e profundo da História e do Património Histórico e Artístico da Golegã.

⁸⁴ https://www.google.pt/maps?q=museu+municipal+martins+correia&um=1&ie=UTF-8&sa=X&ved=0ahUKewip0PyYo_LWAhXKPBQKHeJjAdQQ_AUICigB

⁸⁵ LOURENÇO (1998), pág. 8

⁸⁶ LOURENÇO (1998), pág. 8

⁸⁷ Brochura Promocional do Museu Municipal Martins Correia, Câmara Municipal da Golegã

Este concelho, bem como a sua região envolvente, surge assim como uma área territorial rica em História, em património e também em equipamentos museológicos e culturais, dos quais salientámos aqueles que nos pareceram mais relevantes para a realização do Relatório de Estágio.

Destacámos assim a Igreja Matriz, o Pelourinho, a Casa-Estúdio de Carlos Relvas e os Museus Municipais da Máquina de Escrever e de Martins Correia, todos na Golegã.

O Museu Nacional Ferroviário, localizado no Entroncamento e as Ruínas Romanas de Vila Cardílio, situadas em Torres Novas, surgem também, num quadro de proximidade geográfica e de pertinência tendo em conta os conteúdos e objetivos do Programa de História do Ensino Básico e Secundário.

Esta primeira perspetiva sobre o património e os equipamentos culturais e museológicos do concelho da Golegã e dos referidos concelhos vizinhos assegura-nos, que existem, de facto, vários elementos de ligação e articulação entre património e conteúdos programáticos.

Os capítulos seguintes procurarão materializar essa articulação em conteúdos pedagógicos, seja em contexto de aula ou de visita de estudo.

4. Estudos de Caso

4.1. Nota Introdutória

Analisámos anteriormente um conjunto de monumentos e equipamentos museológicos localizados nos concelhos da Golegã, Torres Novas e Entroncamento.

Como referimos, esta análise foi fundamental para estabelecer um conhecimento mais rigoroso da sua história e relevância para o Programa de História dos vários anos letivos abordados no âmbito da Prática de Ensino Supervisionada.

Construída esta base de conhecimento, foi possível selecionar os monumentos e equipamentos museológicos sobre os quais incidiriam os estudos de caso.

Para este efeito, considerámos a Igreja Matriz da paróquia da Golegã, as Ruínas Romanas de Vila Cardílio e o Museu Nacional Ferroviário.

Cada um destes estudos de caso procurou estabelecer uma articulação entre o monumento ou museu em causa e determinados pontos dos programas da disciplina, ao longo dos vários anos letivos abordados no âmbito da PES.

O primeiro estudo de caso aborda a Igreja Matriz. Este monumento é analisado no âmbito do Domínio 5 e do Subdomínio 5.2 das Metas Curriculares do 8º ano de escolaridade.

A visita à Igreja Matriz da Golegã integra-se e articula-se no estudo dos séculos XV e XVI em Portugal, nomeadamente da arte e da arquitetura portuguesa dessa época, marcada pela permanência do estilo gótico, de gramática manuelina, tipicamente portuguesa.

O estudo deste monumento permite aos alunos observar e analisar *in loco* as principais características arquitetónicas e artísticas originais do manuelino, e capacita-os para reconhecerem nesta Igreja um importante monumento de arquitetura gótico-manuelina.

O segundo estudo de caso incide sobre as Ruínas Romanas de Vila Cardílio. A ocupação romana do atual território da Península Ibérica integra-se na Unidade 2.3 do Módulo 1 do Programa do 10º Ano de História.

A Romanização da Pensínsula Ibérica foi um processo que decorreu entre os últimos séculos antes de Cristo e os primeiros séculos da Era Cristã, tendo enfrentado algumas dificuldades, devido à resistência dos povos autóctones, em particular no atual território português.

As Ruínas Romanas de Vila Cardílio são um exemplo relevante de uma antiga *Villa Romana*, grande propriedade de exploração agrícola muito importante no âmbito da ocupação e colonização do território peninsular pelos romanos.

Tendo em conta a importância da antiguidade clássica grega e romana, em geral, e da romanização, em particular, no programa do 10º ano, pareceu-nos importante aludir a este monumento no âmbito deste Relatório e enquadrar uma análise mais profunda do mesmo no âmbito dos estudos de caso.

O Museu Nacional Ferroviário (MNF) foi o escolhido no âmbito do terceiro estudo de caso.

A visita de estudo a este museu enquadra-se na Unidade 4.1.2 do Módulo 6 do Programa de História do 11º ano, que incide sobre o desenvolvimento de infraestruturas: transportes e meios de comunicação durante o Fontismo.

Esta visita pareceu-nos muito relevante no sentido de proporcionar aos alunos um conhecimento mais profundo sobre a introdução e expansão do caminho-de-ferro durante a segunda metade do século XIX.

O Fontismo, enquanto política de modernização do país levada a cabo por António Fontes Pereira de Melo (1819-1887), significou uma verdadeira revolução nos transportes, nas comunicações, na construção de uma rede rodoviária e ferroviária e na introdução do telégrafo e do telefone no Portugal dessa época.

As várias coleções do MNF são de particular relevância para a compreensão deste importante período da nossa História.

Importa ainda referir que todos os materiais pedagógicos e didáticos foram especificamente construídos no âmbito destes estudos de caso e para este Relatório.

No contexto da Prática de Ensino Supervisionada, sob a orientação do Professor Mário Ferreira, durante o ano letivo de 2016/2017, foram efetuadas várias visitas de estudo, nomeadamente à Igreja Matriz e às Ruínas Romanas de Vila Cardílio, mas os

instrumentos didáticos utilizados nessas visitas de estudo são diferentes dos utilizados nestes estudos de caso.

4.2. 1º Estudo de Caso - Igreja Matriz da Golegã

4.2.1. Introdução

Este estudo de caso incide sobre a Igreja Matriz da Golegã, importante exemplo da arquitetura gótica de gramática manuelina existente neste concelho.

No âmbito dos objetivos que presidem a este Relatório de Estágio, procurámos idealizar uma atividade de grupo que envolvesse toda a turma e que permitisse a utilização de um exemplo do património local no contexto do Programa e das Metas Curriculares da disciplina de História. Neste sentido, foram planificadas três aulas.

A primeira aula, realizada na escola, procura, como é referido na planificação disponível em anexo, enquadrar os alunos no estilo manuelino, no seu contexto histórico e temporal, nas suas principais características artísticas e nas suas dimensões de edificação e de património integrado. Neste sentido a arquitetura é arte!

Nesta primeira aula, os alunos são alertados para a existência, na Golegã, de um monumento manuelino, a Igreja Matriz da paróquia da Golegã.

A segunda aula consiste na visita guiada à Igreja Matriz. Os alunos, munidos de um guião de visita e dos conhecimentos adquiridos na aula anterior, têm a oportunidade de tomar contacto direto com este monumento. Esta visita será guiada pelo Professor.

Na terceira sessão, de regresso à sala de aula, vai ser exigido aos alunos o preenchimento, em pares, de uma Ficha de Trabalho, através da qual se verificará o grau de conhecimento adquirido nas duas aulas anteriores.

A visita guiada à Igreja Matriz, bem como as restantes duas aulas, inserem-se assim nas Metas Curriculares do 8º Ano de Escolaridade, nomeadamente no estudo do estilo manuelino.

Estas três aulas estão enquadradas no Domínio 5 das Metas Curriculares, denominado: Expansão e mudança nos séculos XV e XVI e no subdomínio 5.2. das mesmas, intitulado: Renascimento, Reforma e Contrarreforma.

Apresentam-se, de seguida, o guião da visita à Igreja Matriz e a respetiva Ficha de Trabalho, bem como as planificações das três aulas e a apresentação *powerpoint*, intitulada: “O Estilo Manuelino. A Igreja Matriz da Golegã”, referidas em anexo.

4.2.2. Guião de Visita à Igreja Matriz da Golegã

O estilo manuelino

Os séculos XV e XVI foram palco do nascimento e afirmação de novas tendências artísticas. A arte renascentista difundiu-se um pouco por toda a Europa, sobretudo por Itália.

Em Portugal, no entanto, e durante os reinados de D. João II (1481-1495), D. Manuel I (1495-1521) e D. João III (1521-1557), a estrutura arquitetónica gótica permaneceu, tendo sofrido a introdução de um conjunto de elementos estéticos diferenciadores, que originaram a designação estilo manuelino ou gótico-manuelino.

O estilo manuelino caracteriza-se pela manutenção da estrutura arquitetónica gótica e pela introdução de um conjunto de novos elementos decorativos naturalistas, cortesãos, marítimos e nacionais.



Fig. 17 (à esquerda) – Cruz de Cristo e Escudo de D. Manuel I

Fig. 18 (à direita) – Esfera Armilar

Os elementos decorativos naturalistas são sobretudo troncos, folhas e raízes.

Os elementos decorativos cortesãos são sobretudo borlas, cordões, franjas e outros de passemanaria.

Os elementos decorativos de influência marítima são sobretudo as redes, as boias, as conchas e as algas.

Os símbolos nacionais mais relevantes são a Esfera Armilar, o Escudo Real e a Cruz de Cristo.

O estilo manuelino é bastante marcado pelas explorações e conquistas marítimas, que se manifestam em muitos destes elementos decorativos.

A Igreja Matriz da Golegã



Fig. 19 – Vista geral da Igreja Matriz da Golegã

A Igreja Matriz da Golegã, também denominada Igreja de Nossa Senhora da Conceição, constitui um importante exemplo de arquitetura manuelina.

Esta Igreja, localizada no Largo da Imaculada Conceição, na Golegã, foi classificada como Monumento Nacional em 1910.

A Igreja foi construída durante o reinado de D. Manuel I, muito provavelmente pelo arquiteto Diogo Boitaca, que também esteve envolvido na construção do Mosteiro dos Jerónimos e da Torre de Belém, exemplos emblemáticos da arquitetura manuelina.

A frontaria da Igreja enquadra um magnífico pórtico manuelino que apresenta arcos policêntricos, ladeado por duas colunas torsas, rematadas por pináculos.

Este pórtico apresenta vários elementos decorativos muito interessantes, como um conjunto de alcachofras estilizadas, representações da Cruz de Cristo, uma imagem da Virgem, maçarocas e dragões, entre outros.



Fig. 20 - Pórtico de entrada da Igreja Matriz da Golegã.

Na fachada principal, figuram também as armas reais de D. João II e a esfera armilar.

O interior da Igreja é bastante revelador da estética manuelina. À entrada podemos observar umas escadas decoradas com troncos entrançados.

A Igreja está estruturada em três naves, de arcaria ogival, suportadas por robustos pilares formados por quatro colunas enfaixadas.

Os capitéis destes pilares estão decorados com troncos entrançados.

O arco do triunfo dá acesso à capela-mor com uma cobertura de abóbada de nervuras decoradas com motivos vegetalistas.

As paredes laterais da capela-mor são forradas com azulejos setecentistas, azuis e brancos, que representam o Lava-Pés, a Última Ceia, os Evangelistas e a Visão de Santa Rita, na parede de fundo.

Glossário:

Gótico - estilo arquitetónico desenvolvido na Europa ocidental entre os séculos XII e XV, caracterizado pela forma ogival das abóbadas e dos arcos.

Passemanaria – elementos decorativos que representam fitas ou galões entretecidos.

Monumento Nacional – Monumento que possui um valor cultural de significado para a Nação.

Pórtico - átrio cuja abóbada é sustentada por colunas ou pilares, na frente de alguns edifícios.

Arco policêntrico - arco com mais de um centro (formado pela junção de arcos de mais que uma circunferência).

Colunas torsas - coluna torsa, em forma helicoidal. O fuste retorcido, de forma helicoidal, produz um efeito de movimento.

Pináculos - Remate de uma pilastra, de cantaria e forma aciculada.

Nave - espaço longitudinal entre muros ou filas de colunas e arcadas que sustentam a abóbada das igrejas ou templos.

Arcaria ogival - série de arcos ou arcada em forma de ogiva.

Pilar – Suporte vertical isolado, assente sobre uma base ou soco, rematado por capitel ou imposta. Tem maior poder de sustentação do que uma coluna e apresenta normalmente secção quadrangular, poligonal ou mesmo redonda.

Coluna - pilar assente em base própria ou firmado diretamente no chão, que serve para sustentar abóbadas, entablamentos, ou como simples adorno.

Capitel - parte superior da coluna.

Abóbada - cobertura de edifício ou parte dele, de secção vertical em arco, apoiada em paredes, colunas ou pilares.

Nervuras - moldura saliente que separa os panos de uma abóbada.

Portal - porta principal de um edifício, átrio.

4.2.3. Ficha de Trabalho

Visita Guiada à Igreja Matriz da Golegã

A Igreja Matriz da Golegã foi classificada enquanto Monumento Nacional. Em que ano?

A Igreja Matriz da Golegã é um exemplo importante de que estilo arquitetónico?

Quem foi o rei responsável pela sua construção?

As armas reais visíveis à entrada da Igreja pertencem a que rei?

Quem foi o arquiteto que terá idealizado o projeto desta Igreja?

Dá alguns exemplos de motivos naturalistas utilizados na decoração da Igreja.

Indica os locais onde os encontraste.

Observa com atenção a fotografia:



Fig. 21 - Pormenor da fachada da Igreja Matriz da Golegã

Como já reparaste, trata-se de uma imagem do portal de entrada e da fachada principal da Igreja Matriz da Golegã.

Indica três símbolos nacionais, muito utilizados neste estilo arquitetónico, que sejam visíveis na fotografia.

4.3. 2º Estudo de Caso - As Ruínas Romanas de Vila Cardílio

4.3.1. Introdução

O segundo estudo de caso que apresentamos incide sobre as Ruínas Romanas de Vila Cardílio, importante vestígio arqueológico de uma *villa* romana existente no concelho de Torres Novas, muito perto da Golegã.

Tendo em conta os objetivos que regem o presente Relatório de Estágio, procurámos idealizar uma atividade de grupo que envolvesse toda a turma e que permitisse a utilização de um dos principais exemplos do património local no contexto do Programa de História do 3º Ciclo do Ensino Básico. Foram planificadas três aulas para este efeito.

A primeira aula, realizada na escola, procura, como indicado na planificação em anexo, enquadrar os alunos no período histórico relativo à Romanização da Península

Ibérica, contextualizando-os nas suas principais características e agentes deste processo, bem como na sua evolução no espaço e no tempo.

A segunda aula consiste na visita guiada às Ruínas Romanas de Vila Cardílio, na qual os alunos, munidos de um guião de visita, bem como dos conhecimentos adquiridos na aula anterior, irão tomar contacto direto com este monumento, guiados pelo Professor.

Na terceira aula, de regresso à escola, vai ser solicitado aos alunos o preenchimento, de forma individual, de uma Ficha de Trabalho, através da qual se verificará o grau de conhecimento adquirido nas duas aulas anteriores.

A visita guiada às Ruínas Romanas de Vila Cardílio, bem como as restantes duas aulas, inserem-se no Programa de História do Ensino Secundário, nomeadamente no estudo da Romanização e das suas principais consequências na Península Ibérica e mais concretamente, no atual território nacional.

Estas três aulas estão enquadradas no Módulo 1 do Programa de História do Ensino Secundário, denominado: Raízes Mediterrânicas da civilização europeia – cidade, cidadania e império na Antiguidade Clássica e na Unidade 2.3. das mesmas, intitulada: A Romanização da Península Ibérica.

Seguem-se o Guião da Visita, a Ficha de Trabalho e a Cronologia, bem como as planificações das três aulas e a apresentação *powerpoint*, intitulada: “A Romanização da Península Ibérica. As Ruínas Romanas de Vila Cardílio”, referidas em anexo.

4.3.2. Guião de Visita: As Ruínas Romanas de Vila Cardílio

As primeiras referências às ruínas de Vila Cardílio surgem ainda no século XVIII.

Afonso do Paço (1895-1968), grande figura da arqueologia portuguesa nos anos 30 do século XX, toma conhecimento da sua existência.

No entanto, apenas a partir da década de sessenta do século XX conseguirá Afonso do Paço levar a cabo uma exploração arqueológica destas ruínas romanas.

Após a sua morte, em 1968, as escavações arqueológicas deste local serão retomadas pelos Professores Jorge e Adília Alarcão (1934), da Universidade de Coimbra, em 1980.

Vila Cardílio ficava situada no *conventus* jurídico escalabitano, cuja sede era *Scallabis* (Santarém).

Foi fundada no século I d.C., em plena época imperial, tendo sido habitada até ao século IV.

O desenvolvimento desta propriedade agrícola foi facilitado pela existência de boas vias de escoamento dos seus produtos.

O rio Almonda, na altura navegável, permitia a ligação ao Tejo.

Vila Cardílio ficava também na proximidade de duas estradas:

A primeira, a sul, fazia a ligação entre *Emerita Augusta* (Mérida) e a costa ocidental da península; A segunda, passava a norte, e desembocava perto de *Sellium* (Tomar), na via que ligava *Olisipo* (Lisboa) a *Bracara Augusta* (Braga), a qual passava por *Scallabis* (Santarém) e *Aeminium* (Coimbra).

A parte escavada abarca apenas a *pars* urbana da villa, sobrevivendo ainda hoje os alicerces de um grande edifício, alguns pavimentos, bases de colunas e canalizações.

É importante destacar alguns mosaicos:

O primeiro mosaico contém a seguinte inscrição latina: “VIVENTES CARDILIVM ET AVITAM FELIX TURRE”.

Jorge Alarcão propõe a seguinte tradução: Que Cardílio e Avita vivam felizes na (sua villa) Torre».

Cardílio e Avita terão então sido os donos desta casa agrícola, que se denominava *Turre*.

No outro mosaico, surgem representados os bustos de Cardílio e de Avita. Entre as duas figuras, está uma foice e na parte inferior dois vasos. A foice simbolizará o cultivo do trigo e os vasos serão símbolos dos deuses Dionísio ou Baco.

Um terceiro mosaico tem representadas quatro aves, colocadas em sentidos diametralmente opostos e de cujos bicos parecem pender botões de rosas.

São reconhecíveis, o pátio interior, as termas, a piscina, um sistema de aquecimento de água e a entrada principal da casa.

O espólio móvel encontrado em Vila Cardílio e já investigado, pode ser dividido em dois grupos: um recolhido até às escavações de 1963-1964 e outro posterior a essa data.

No primeiro grupo encontram-se uma estatueta de barro, uma ânfora intacta, algumas dezenas de moedas e uma estátua de um menino nu, possivelmente de *Eros*.

No segundo grupo constam peças em cerâmica comum, como lucernas, vasos, pratos e fragmentos de ânforas; diversas peças de metal (ave, pregadeira e campainha em bronze e pesos de chumbo) e alguns objetos de vidro, marfim e osso.

O material respeitante às campanhas de escavação de 1980-1981 ainda se encontra por investigar de forma mais pormenorizada.

O Museu Municipal Carlos Reis, em Torres Novas, apresenta parte do espólio já investigado na sua exposição permanente.

Glossário:

Arqueologia: estudo das civilizações antigas com base nos vestígios e monumentos que vão sendo descobertos, através de campanhas de escavações arqueológicas.

Conventus: Circunscrição jurídica romana, que delimitava um determinado território administrado por uma cidade romana.

Pars urbana – área residencial da propriedade agrícola.

Ânfora: vaso grande de duas asas para líquidos.

Eros – divindade grega.

Lucerna – lamparina ou candeia.

4.3.3. Ficha de Trabalho: As Ruínas Romanas de Vila Cardílio

Recorda o que aprendeste na última aula e na visita às Ruínas Romanas de Vila Cardílio, em Torres Novas, e responde às questões que se seguem:

1. O que entendes por Romanização?
2. Quais foram os principais agentes da romanização?

3. Quais eram os principais tipos de cidades existentes no território peninsular, na época romana?
4. Dá três exemplos de cidades romanas que hoje ainda existam no atual território português.
5. Quais foram as principais actividades económicas desenvolvidas pelos romanos na Hispânia (atual Península Ibérica)?
6. O que eram as *Villae*?
7. As *Villae* dividiam-se em três áreas fundamentais. Quais eram?
8. Dá três exemplos de importantes monumentos de origem romana ainda existentes em Portugal.
9. Vila Cardílio estava localizada na proximidade de duas cidades romanas. Indica-as.
10. Quais eram as principais vias de comunicação de que beneficiava Vila Cardílio?
11. Quem foram os arqueólogos responsáveis pelas escavações de Vila Cardílio?
12. Em que século foi fundada Vila Cardílio?
13. Onde estão hoje expostos os objetos recolhidos nas escavações arqueológicas de Vila Cardílio?

4.3.4. Cronologia: A Romanização da Península Ibérica

218 a.C. - Desembarque dos Romanos, na Península Ibérica, chefiados por Cipião, em Sagunto.

206 a.C. - Derrota dos Cartagineses na Península Ibérica.

197 a.C. – Criação das Províncias da *Hispânia Ulterior* e da *Hispânia Citerior*.

194 a.C. – Primeiro encontro entre Romanos e Lusitanos.

189 a 178 a.C. – Confrontos entre Romanos e Lusitanos.

154 a.C. a 136 a.C. – Guerras Lusitanas.

147 a.C. – Viriato é eleito chefe das tribos e clãs lusitanas.

143 a 133 a.C. - Guerras Celtibéricas.

141 a.C. – Conquista de grande parte da Andaluzia e de parte do sudoeste da península.

138 a.C – Assassinato de Viriato. Fortificação de Olisipo pelos Romanos.

137 a 83 a.C. – Sublevação dos Lusitanos contra os romanos.

133 a.C. – Marcação da fronteira entre a *Hispania Ulterior* e a *Hispania Citerior*.

83 a.C. – Sertório é nomeado governador da *Hispania Citerior*.

82 a.C. – Destituição de Sertório na sequência das lutas entre Mário e Sila.

72 a.C. – Sertório aceita a proposta dos Lusitanos para os chefiar.

61 a.C. – Júlio César faz campanha na Serra da Estrela e a norte do Douro.

27 a.C. – Reforma administrativa da Península Ibérica por Augusto.

19 a.C. – Conquista definitiva da Península Ibérica.

7 a 2 a.C. – Fixação dos limites da Lusitânia (com capital em Mérida).

4.4. 3º Estudo de Caso - Museu Nacional Ferroviário

4.4.1. Introdução

O terceiro estudo de caso que apresentamos incide sobre o Museu Nacional Ferroviário (MNF), museu que guarda e preserva um importante espólio relacionado com a História dos Caminhos-de-Ferro desde os finais do século XVIII até à atualidade, incidindo particularmente na história dos transportes e nas diferentes fases tecnológicas da ferrovia.

A visita guiada ao MNF insere-se assim no Programa de História do 11º Ano de Escolaridade, nomeadamente no estudo da Regeneração, do Fontismo e do desenvolvimento dos meios de transporte e de comunicação levado a cabo por Fontes Pereira de Melo, em particular a implementação e expansão da rede ferroviária no Portugal da segunda metade do século XIX.

Esta visita de estudo está enquadrada no Módulo 6 do Programa de História, denominado: “A civilização industrial – economia e sociedade; nacionalismos e choques imperialistas”, na unidade 4, intitulada “Portugal, uma sociedade capitalista

dependente” e mais concretamente na subunidade 4.1.2. denominada “O desenvolvimento de infraestruturas: transportes e meios de comunicação”.

A visita ao MNF será efetuada de acordo com um guião estruturado em quatro partes.

A primeira incide sobre o Fontismo e os principais aspectos da introdução e desenvolvimento dos caminhos-de-ferro em Portugal.

A segunda parte aborda algumas informações gerais sobre o Museu Nacional Ferroviário.

A terceira apresenta uma selecção de peças e documentos pertencentes à exposição, com informação mais detalhada sobre cada uma delas. Tendo em conta a vastidão da exposição permanente e dos seus vários núcleos, esta selecção pretende dar um carácter mais objetivo à observação do aluno, orientar a visita no âmbito do período histórico relativo ao Fontismo, bem como auxiliar os alunos na resposta do questionário que deverá ser preenchido no final da visita.

A quarta parte consiste num questionário composto por algumas perguntas alusivas à visita ao museu mas também a aspectos mais gerais relacionados com o Fontismo e o seu contexto histórico.

4.4.2. Guião de Visita - Museu Nacional Ferroviário – Entroncamento

A introdução do Caminho-de-Ferro em Portugal

O primeiro troço de via férrea em Portugal foi inaugurado no dia 28 de Outubro de 1856, pelo rei D. Pedro V.

Este primeiro segmento do que viria a ser a rede ferroviária portuguesa fazia a ligação entre Lisboa e o Carregado.

Em 1864 deu-se por concluída a ligação à fronteira com Espanha, no Baixo Alentejo (linha do Leste) e a Vila Nova de Gaia (linha do Norte).

A rede ferroviária chegou ao Minho em 1877, à Beira Alta, em 1882, a Trás-os-Montes em 1883, ao Algarve em 1889 e à Beira Baixa em 1893.

A rede ferroviária, em cerca de meio século, passou a interligar todas as regiões do país.

A construção ferroviária enquadrou-se numa política denominada Fontismo, que foi gizada e levada a cabo por António Fontes Pereira de Melo (1819-1887).

Fontes Pereira de Melo foi um destacado político português da segunda metade do século XIX que ocupou, entre outros, os cargos de Ministro das Obras Públicas e de Presidente do Conselho entre 1851 e 1886.

Dá origem ao denominado Fontismo, política de modernização do país, que revolucionou o setor dos transportes e das comunicações em Portugal. Imprimiu um enorme desenvolvimento na construção de uma rede rodoviária, introduziu a já referida rede ferroviária e levou também a cabo a construção de pontes e portos marítimos e a instalação do telégrafo, do telefone e a reformulação dos correios.

O Museu Nacional Ferroviário

O Museu Nacional Ferroviário (MNF) é uma instituição museológica gerida pela Fundação Museu Nacional Ferroviário Armando Ginestal Machado (FMNF).

O MNF é uma instituição polinucleada, que possui um Museu principal, localizado no Complexo Ferroviário do Entroncamento e um conjunto de núcleos museológicos distribuídos pelo território nacional.

O acervo museológico do MNF é composto por cerca de 36000 objetos que se integram em categorias muito variadas.

Não é possível comer, beber, tocar nas peças, fumar ou danificar as estruturas expositivas pelo que, ao visitarmos o MNF, devemos ter estas regras em consideração.

A Visita Guiada ao Museu Nacional Ferroviário

Vamos iniciar agora a visita à exposição permanente do MNF. Ao longo do percurso terás a oportunidade de localizar e observar com mais pormenor os objetos expostos, em particular os assinalados neste guião. No final desta visita ser-te-á pedido que respondas a um conjunto de perguntas, pelo que deverás seguir a visita com atenção a toda a informação que te é disponibilizada.

a) **Fig. 22 - Locomotiva a vapor D. Luiz**



Designação: Locomotiva a vapor D. Luiz.

Descrição: Esta locomotiva foi construída em Manchester, na Inglaterra, em 1862, pelo fabricante *Beyer Peacock*. Foi adquirida durante o reinado de D. Luís, tendo estado ao serviço da Rainha D. Maria Pia de Sabóia, do Rei D. Luís e do então príncipe D. Carlos.

Localização: Edifício 13. Sala do Comboio Real.

b) **Fig. 23 - Salão do Príncipe**



Designação: Salão do Príncipe

Descrição: Carruagem de três eixos, com três compartimentos, composta por uma pequena sala, um salão principal, uma divisão com instalações sanitárias e um varandim coberto.

Foi fabricada pela *Ibbotson Brothers & Co Limited*, em 1877, em Sheffield, na Inglaterra.

Localização: Edifício 13. Sala do Comboio Real.

c) **Fig. 24 - Salão D. Maria Pia**



Designação: Salão D. Maria Pia

Descrição: Veículo de três eixos ricamente decorado, dividido em três compartimentos, compreendendo uma antecâmara de serviço com capacidade para quatro pessoas, um salão central/sala de estar para aias e ordenanças, capaz de acomodar com extremo conforto quatro a seis pessoas e os aposentos da rainha, integrando o quarto e uma sala contígua, com instalações sanitárias. A decoração de todos os compartimentos é sumptuosa.

Foi fabricada pela Compagnie Générale de Matériels de Chemins de Fer Bruxelles, em 1858, em Bruxelas, na Bélgica

Localização: Edifício 13. Sala do Comboio Real.

d) **Fig. 25 - Mesa Telegráfica**

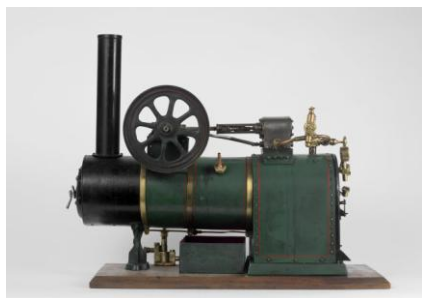


Designação: Mesa Telegráfica de Sistema Bréguet

Descrição: Equipamento de comunicação na linha férrea que permite a transmissão de mensagens escritas à distância, através da telegrafia elétrica. Mesa constituída por telefone, despertador, comutador, recetor e transmissor. Este modelo assinalou, a partir de meados do séc. XIX, a introdução da telegrafia elétrica em Portugal. Esta mesa foi criada por Louis François Clément Bréguet.

Localização: Armazém de Víveres, sala 2

e) **Fig. 26 - Modelo de Caldeira a Vapor**



Designação: Modelo de Caldeira a Vapor

Descrição: Modelo de caldeira a vapor

Modelo de instrução. Reprodução de caldeira de locomotiva a vapor e mecanismo de locomoção. Parte da máquina que produz e fornece vapor aos cilindros, à pressão ideal para colocar em movimento a locomotiva. Reproduz as três partes principais que a compõem: caixa de fogo, corpo cilíndrico e caixa de fumo.

Localização: Edifício 20 - Armazém Víveres/ Nave 3

f) **Fig. 27 - Locomotiva a Vapor CP 003**



Designação: Locomotiva a Vapor CP 003

Descrição: Locomotiva construída na Bélgica pela casa Société John Cockerill, em 1890, para a Companhia Real dos Caminhos de Ferro Portugueses. A pequena dimensão, aliada   robustez e facilidade de manobra permitia que fosse utilizada exclusivamente em serviços de constru o da via e manobras nas esta es e nos depósitos a que estavam afetas.

Localiza o: Rotunda\ Linha 5.

g) **Fig. 28 - Locomotiva a Vapor CP 135**



Designação: Locomotiva a Vapor CP 135

Descrição: Adquirida pela Companhia Real dos Caminhos de Ferro Portugueses, foi construída pela Sächsische Maschinenfabrik, em 1881, em Chemnitz, na Alemanha.

Localização: Rotunda\ Linha 2

h) **Fig. 29 - Chegada ao Carregado do Comboio Real**



Designação: Chegada ao Carregado do Comboio Real

Descrição: Aguarela que regista a chegada do Comboio Real ao Carregado, no dia 28 de Outubro de 1856. Documenta a presença da Família Real e de elevado número de pessoas na inauguração oficial da linha de caminho-de-ferro da Linha do Leste. A aguarela é da autoria de António Joaquim de Santa Bárbara (1838-1864).

Localização: Edifício 20. Nave 2

i) **Fig. 30 - Bilhete Nº 5 da viagem inaugural de caminho-de-ferro do troço de Lisboa ao Carregado**

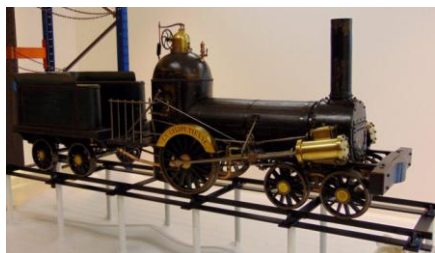


Designação: Bilhete Nº 5 da viagem inaugural de caminho-de-ferro do troço de Lisboa ao Carregado

Descrição: Bilhete original, número 5, utilizado na viagem inaugural do caminho-de-ferro português, entre Lisboa e o Carregado, em 1856.

Localização: Edifício 20 - Armazém de Víveres/ Nave 2/ Vitrine

j) **Fig. 31 - Miniatura da Locomotiva La Liliputienne**



Designação: Locomotiva La Liliputienne

Descrição: Miniatura de locomotiva a vapor, utilizada enquanto brinquedo, construída a partir de uma locomotiva pertença de Louis Philippe, rei de França, e oferecida por este monarca à família real portuguesa. Este brinquedo, exemplo da modernidade europeia, é a primeira locomotiva a vapor existente em Portugal. Foi construída pelo engenheiro mecânico Eugène Philippe, a pedido do monarca francês, como indicado na inscrição da máquina. Utiliza o vapor como energia potencial e pequenas máquinas motrizes para garantirem o seu movimento progressivo sobre carris de ferro.

Localização: Edifício 20/ Armazém de Víveres/ Nave 1

Questionário

1. Quando foi inaugurado o primeiro troço de via férrea em Portugal?
 - 1.1. Identifica uma obra patente ao público na exposição que seja alusiva a este momento.
2. Quem foi o grande dinamizador da política de introdução e expansão dos caminhos-de-ferro em Portugal?
 - 2.1. Como se denomina esta política?
3. Tivemos a oportunidade de observar um grande número de locomotivas ao longo do percurso da visita. Verifica com atenção as locomotivas e carruagens assinaladas neste guião.
 - 3.1. Indica os seus países de produção.
 - 3.2. Recorda aquilo que aprendeste nas aulas anteriores sobre o processo de industrialização no continente europeu. Como explicas o facto desta maquinaria pesada ter estas origens geográficas? Porque é que não surgem locomotivas produzidas em Portugal?
4. Quem foram os monarcas e príncipes que utilizaram a locomotiva a vapor D. Luiz?
5. Se observares com atenção o conjunto de peças que destacámos neste guião, irás localizar outras grandes invenções técnicas do século XIX. Quais são?
6. A introdução dos caminhos-de-ferro foi uma das principais inovações técnicas do Portugal do século XIX, mas não a única. Dá outros exemplos de grandes inovações técnicas que surgiram durante esta época.
7. Reflete um pouco sobre a difusão de novos meios de comunicação que teve lugar no século XIX. Qual terá sido o seu impacto em Portugal?
8. Quais terão sido as principais consequências do processo de industrialização e modernização sofridas pelo país durante esta época?

CONCLUSÃO

O Relatório de Prática de Ensino Supervisionada que agora se conclui exigiu, como referimos anteriormente, um reconhecimento prévio do património goleganense.

Este levantamento, necessário à prossecução dos objetivos deste trabalho, soube destriçar quais os monumentos e equipamentos museológicos existentes no concelho da Golegã que apresentavam uma melhor articulação com as Metas Curriculares e o Programa da disciplina de História do 3º Ciclo do Ensino Básico e do Ensino Secundário.

Salienta-se que este levantamento patrimonial não se cingiu ao concelho goleganense, procurando também rentabilizar a proximidade geográfica e a relevância histórica de monumentos e museus existentes nos concelhos vizinhos de Torres Novas e Entroncamento.

A informação recolhida e sistematizada no âmbito deste reconhecimento patrimonial revelou-se fundamental para que pudéssemos dar corpo à segunda parte do Relatório de Estágio.

Os Estudos de Caso sobre a Igreja Matriz da Golegã, as Ruínas Romanas de Vila Cardílio, em Torres Novas e o Museu Nacional Ferroviário, sedado no Entroncamento, procuraram definir um conjunto de instrumentos pedagógicos que materializassem a articulação entre os objetivos programáticos da disciplina e as características e enquadramento histórico, artístico e arquitetónico destes monumentos e deste museu.

A construção de um conjunto de instrumentos pedagógicos e didáticos, nomeadamente a planificação das aulas, as apresentações *powerpoint*, as cronologias, as fichas de trabalho e os guiões de visita guiada, revelaram-se mecanismos importantes para estabelecer uma ligação entre o professor, o museu ou monumento, o programa disciplinar e o aluno.

Este trabalho procura, desta forma, valorizar o património da Golegã, de Torres Novas e do Entroncamento, tanto do ponto de vista do aluno, como do ponto de vista do professor.

O aluno, através desta articulação entre o património local e a aprendizagem da disciplina de História, adquire um conjunto de ferramentas que lhe permitem agilizar o

seu processo de aprendizagem e ganhar uma maior capacidade de reconhecer no património local um valor acrescentado para o seu concelho.

Os alunos despertam também para a necessidade de preservação e divulgação do do património local que, em última análise, também é seu, enquanto goleganenses.

Do ponto de vista do professor, torna-se mais simples gerir a dimensão do programa, a motivação dos alunos, os problemas de insucesso escolar e a aquisição de competências essenciais à disciplina.

A saída da sala de aula e do ambiente quotidiano da escola, como verifiquei ao longo da Prática de Ensino Supervisionada, cria um estado de espírito diferente no aluno, que ganha curiosidade, entusiasmo e maior gosto pela aprendizagem e pela disciplina.

A visita de estudo permite também ao aluno aprender mais sobre um monumento ou museu, do qual possivelmente já tinha ouvido falar mas que nunca tinha visitado ou do qual não possuía pouca ou nenhuma informação.

Este Relatório de Estágio, ao salientar a importância do património goleganense, em particular, não deixa também de exaltar a importância do património local de um ponto de vista mais vasto, podendo a fórmula utilizada neste trabalho ser aplicável, de uma forma geral e mais ampla, em qualquer concelho ou agrupamento escolar.

Desta forma, este trabalho utiliza métodos e instrumentos pedagógicos e didáticos que podem ser utilizados pelos professores em diferentes contextos geográficos e escolares.

BIBLIOGRAFIA

ALARCÃO, Jorge (1995) *O domínio romano em Portugal*, 3ª edição, Publicações Europa-América, Mem Martins, pág. 118.

ALARCÃO, Jorge Manuel (1989), *O domínio romano em Portugal*, *Forum da História*, Mem Martins.

ALARCÃO, Jorge e ALARCÃO, Adília (1967) *Achados na vila romana de Cardilio (Torres Novas)*, Arquivo de Beja, Vol. XXIII-XXIV, Minerva Comercial, Beja.

AMARAL, Cláudia, JESUS, Elisabete, ALVES, Eliseu, (2016) *Missão: História* 8, Porto Editora.

Banco de Imagens Carlos Relvas;
<http://www.imagensrelvas.com/site/pt/scat/shopcat.php>.

BARREIROS, Augusto do Souto (1995), *Azinhaga, Livro de Horas*, Junta de Freguesia da Azinhaga, Câmara Municipal da Golegã.

BARREIROS, Augusto do Souto (2000), *Golegã. Capital do Cavalo*, Câmara Municipal da Golegã.

BARRETO, Alberto Tavares (1999), *Cavalos Veiga, Tradição e Modernidade*, Edições Inapa, Lisboa.

BATISTA, Luís Miguel Preto (2009), *Cardiga: de Comenda a Quinta da Ordem de Cristo 1529-1630*, Coleção de Estudos e Documentos, Câmara Municipal da Golegã.

Bilhete N° 5 da viagem inaugural de caminho de ferro do troço de Lisboa ao Carregado: <http://www.fmnf.pt/colecao/ficha.aspx?t=o&id=939#ad-image-0>.

Brochura do Museu Municipal da Máquina de Escrever da Golegã, Pelouros da Cultura e do Turismo, Câmara Municipal da Golegã, 2013.

Brochura Promocional do Museu Municipal Martins Correia, Câmara Municipal da Golegã.

Brochura Promocional, Casa-Estúdio Carlos Relvas, Divisão de Intervenção Social, Pelouro da Cultura, Município da Golegã.

Chegada ao Carregado do Comboio Real:
<http://www.fmnf.pt/colecao/ficha.aspx?t=o&id=523#ad-image-0>.

CIRNE, Joana, HENRIQUES, Marília, (2016) *Viagem na História 8*, Areal Editores.

Conservação e Restauro do Comboio Presidencial Português. Passeios Presidenciais, Comboios de Portugal, Infraestruturas de Portugal, 2016.

COSTA, Francisco Cândido Rodrigues (1982) *Memória breve sobre Vila Cardílio*, in Nova Augusta, Revista da Biblioteca Municipal de Torres Novas, II Série, nº 2, pp. 45-54.

COUTO, Célia Pinto, ROSAS, Maria Antónia Monterroso (2014), *Um Novo Tempo da História. Parte 3. História A. 11º Ano*, Porto Editora.

COUTO, Célia Pinto, ROSAS, Maria António (2013), *Um novo Tempo da História. Parte 1. História A. 10º Ano*, Porto Editora.

DIAS, Pedro, (2002) *Manuelino. À descoberta da arte do tempo de D. Manuel I*, Vila Nova de Gaia.

Decreto de 16-06-1910, DG, n.º 136, de 23-06-1910.

Decreto n.º 23 122, DG, I Série, n.º 231, de 11-10-1933.

Decreto n.º 47 508, DG, I Série, n.º 20, de 24-01-1967.

Decreto n.º 2/96, DR, I Série-B, n.º 56, de 6-03-1996.

Decreto-Lei nº 38/2005 de 17 de Fevereiro.

DIAS, Pedro (2009), *A arquitectura manuelina*, Vila Nova de Gaia.

DINIZ, Maria Emília, TAVARES, Adérito, CALDEIRA, Arlindo, HENRIQUES, Raquel Pereira, (2016) *História 8*, Raiz Editora.

DUARTE, Ana, (1994), *Educação Patrimonial. Guia para Professores, educadores e monitores de museus e tempos livres*, Lisboa, Texto Editora (2ª Ed.).

FARIA, Serrão de (2013), *S. Martinho da Golegã*, Edições Grafilipe.

FERREIRA, Marta Nunes (1994), *Os mosaicos de villa Cardílio. Tentativa de descrição*, Nova Augusta, Torres Novas.

Ficha de Património Cultural da Direcção-Geral do Património Cultural consultada em Outubro de 2017 em: <http://www.patrimoniocultural.gov.pt/pt/patrimonio/patrimonio-imovel/pesquisa-do-patrimonio/classificado-ou-em-vias-de-classificacao/geral/view/71206/>.

Ficha de Património Cultural da Direcção-Geral do Património Cultural consultada em Outubro de 2017: http://www.patrimoniocultural.gov.pt/pt/patrimonio/patrimonio-imovel/pesquisa-do-patrimonio/classificado-ou-em-vias-de-classificacao/geral/view/74448.

Ficha de Património da Direcção-Geral do Património Cultural consultada em Outubro de 2017: http://www.patrimoniocultural.gov.pt/pt/patrimonio/patrimonio-imovel/pesquisa-do-patrimonio/classificado-ou-em-vias-de-classificacao/geral/view/69757.

Ficha de Património Cultural da Casa-Estúdio Carlos Relvas consultada em Outubro de 2017: <http://www.patrimoniocultural.gov.pt/pt/patrimonio/patrimonio-imovel/pesquisa-do-patrimonio/classificado-ou-em-vias-de-classificacao/geral/view/74450/>.

Ficha de Património da DGPC, consultada em Novembro de 2017: <http://www.patrimoniocultural.gov.pt/pt/patrimonio/patrimonio-imovel/pesquisa-do-patrimonio/classificado-ou-em-vias-de-classificacao/geral/view/71206/>.

Ficha de Património da Direcção-Geral do Património Cultural, consultado em Novembro de 2017: http://www.patrimoniocultural.gov.pt/pt/patrimonio/patrimonio-imovel/pesquisa-do-patrimonio/classificado-ou-em-vias-de-classificacao/geral/view/69757.

Folha Oficial do Governo Portuguez, Diário de Lisboa, Anno 1865 – Número 142, Quarta-Feira 28 de Junho.

Folheto Informativo “Bem Vindo ao Museu Nacional Ferroviário”.

FORTES, Alexandra, GOMES, Fátima Freitas, FORTES, José (2014) *Linhas da História*, História A, 11º Ano, Ensino Secundário, Porto Editora.

FORTES, Alexandra, GOMES, Fátima Freitas, FORTES, José (2013), *Linhas da História. História A. 10º Ano. Ensino Secundário*, Porto Editora.

Fotografia da Igreja Matriz da Golegã consultada em Outubro de 2017:
<http://www.patrimoniocultural.gov.pt/pt/patrimonio/patrimonio-imovel/pesquisa-do-patrimonio/classificado-ou-em-vias-de-classificacao/geral/view/71206/>.

Fotografias de Vila Cardílio, consultadas em Novembro de 2017:
<http://pedrasehistoria.blogspot.pt/2014/10/>.

Fotografia do Templo Romano de Évora, consultado em Novembro de 2017:
<http://www.historiadeportugal.info/templo-romano-de-evora/>.

Fotografia da Vila Romana de São Cucufate consultada em Novembro de 2017:
https://www.google.pt/search?q=vila+romana+de+sao+cucufate&source=lnms&tbn=isch&sa=X&ved=0ahUKEwjyu6qGy83XAhUIsBQKHZFVANoQ_AUICigB&biw=1366&bih=637#imgrc=PYmQql5zIS3TfM: Vila romana de são cucufate.

Fotografia da Ponte romana de Chaves consultada em Novembro de 2017:
https://pt.wikipedia.org/wiki/Ponte_de_Trajano Ponte Romana de Chaves.

FREIRE, José Geraldes (1986) *Ainda sobre a inscrição de “Vila Cardílio”* in Boletim de Estudos Clássicos, Ano III, nº 5.

Inventário de Pelourinhos Conforme o Inquérito Determinado pelo Decreto nº 23122 de 11 de Outubro de 1933, Academia Nacional de Belas Artes, Lisboa 1935 consultado em Outubro de 2017: <http://purl.pt/23703/3/#/1>.

Interior da Igreja Matriz da Golegã consultado em Outubro de 2017:
<http://www.patrimoniocultural.gov.pt/pt/patrimonio/patrimonio-imovel/pesquisa-do-patrimonio/classificado-ou-em-vias-de-classificacao/geral/view/71206/>.

Interior do Museu Municipal Martins Correia, consultado em Outubro de 2017:
<http://www.cm-golega.pt/concelho/turismo/item/197-equupolis>.

LAGARTIXA, Custódio, SARDINHA, Helena, GOMES, José, (2016) *Hora H* 8, Raiz Editores.

LEAL, Daniela Filipa Ruas, (2010), *As saídas de estudo na aprendizagem da Geografia e da História*; Tese de Mestrado em Ensino de História e Geografia no 3º Ciclo do Ensino Básico e Ensino Secundário, Faculdade de Letras da Universidade do Porto.

LEITE, Elvira e VICTORINO, Sofia, (2008), *Serralves, Projectos com Escolas*”, Fundação de Serralves.

Localização geográfica da Golegã consultada em Outubro de 2017: <https://www.google.pt/maps/place/Igreja+Matriz+da+Goleg%C3%A3+ou+Igreja+de+Nossa+Sra.+da+Concei%C3%A7%C3%A3o,+2150-165+Goleg%C3%A3/@39.4016481,-8.4886478,15z/data=!4m5!3m4!1s0xd188a75065e61b5:0x8e449285487d3862!8m2!3d39.4016195!4d-8.4864331>.

Localização geográfica do Pelourinho da Golegã consultado em Outubro de 2017: <https://www.google.pt/maps/@39.4039667,-8.4900085,16z>.

Localização geográfica da Casa-Estúdio Carlos Relvas na Golegã, consultada em Outubro de 2017: <https://www.google.pt/maps/place/Casa+-+Est%C3%BAdio+Carlos+Relvas/@39.402141,-8.4928042,16z/data=!4m5!3m4!1s0xd188a74a32ec633:0xab1cb1798c876b39!8m2!3d39.4021369!4d-8.4884268>.

Localização geográfica de Vila Cardílio, consultada em Outubro de 2017: <https://www.google.pt/maps/search/vila+romana+de+card%C3%ADlio+c+m+torres+novas/@39.4663677,-8.5334641,14z>.

Localização geográfica do Museu Municipal da Máquina de Escrever, consultada em Outubro de 2017: <https://www.google.pt/maps/place/Biblioteca+Municipal+-+Museu+da+M%C3%A1quina+de+Escrever/@39.4044294,-8.4867313,17z/data=!3m1!4b1!4m5!3m4!1s0xd188a0aabe4a38b:0xdb1e26f725a1551d!8m2!3d39.4044294!4d-8.4845426>.

Localização geográfica do Museu Nacional Ferroviário, no Entroncamento, consultado em Outubro de 2017: <https://www.google.pt/maps/place/Museu+Nacional+Ferrovi%C3%A1rio/@39.4642353,-8.4917918,14z/data=!4m5!3m4!1s0xd18627c98b4aa87:0x82b962177c5fd1c9!8m2!3d39.4642353!4d-8.4742823>.

Localização geográfica do Museu Municipal Martins Correia, consultada em Outubro de 2017:

https://www.google.pt/maps?q=museu+municipal+martins+correia&um=1&ie=UTF-8&sa=X&ved=0ahUKEwip0PyYo_LWAhXKPbQKHeJjAdQQ_AUICigB.

Locomotiva a vapor D. Luiz:
<http://www.fmnf.pt/colecao/ficha.aspx?t=o&id=3#ad-image-1>.

Locomotiva a Vapor CP 003:
<http://www.fmnf.pt/colecao/ficha.aspx?t=o&id=437#ad-image-0>.

Locomotiva a Vapor CP 135:
<http://www.fmnf.pt/colecao/ficha.aspx?t=o&id=440#ad-image-0>.

Locomotiva La Liliputienne:
<http://www.fmnf.pt/colecao/ficha.aspx?t=o&id=1200#ad-image-0>.

LOURENÇO, Elsa, (1998), *Golegã: Capital do Cavalo. Na rota do cavalo, do touro e do vinho*, Câmara Municipal da Golegã.

LOURENÇO, Elsa (2013) *Catálogo do Museu Municipal da Máquina de Escrever – Colecção Artur Azinhais*, Pelouro da Cultura e Turismo, Câmara Municipal da Golegã.

MAIA, Cristina, RIBEIRO, Cláudia, AFONSO, Isabel, (2014), *Novo Viva a História 8º Ano*, Porto Editora.

MALAFIA, E. B. de Ataíde (1997), *Pelourinhos Portugueses*, Tentâmen de Inventário Geral, Lisboa.

MALHEIRO, Ângela Maria Pinto, (2010), *A Baixa-Chiado: Uma sala de aula dinâmica e interdisciplinar. Proposta de interacção com o público escolar* (Volume 1)”, Trabalho de Projecto do Mestrado em Práticas Culturais para Municípios; Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa.

MALTEZ, José Veiga (2011), *Património Hipomóvel na Golegã*, Câmara Municipal da Golegã.

MALTEZ, José Veiga, (2012), *Património Histórico-Arquitectónico*, Câmara Municipal da Golegã.

MALTEZ, José Veiga (2006), *Entre a razão e o coração. Dilemas de um médico autarca*, Edições Castelhão.

MANTERO, Carlota (Directora), (2004), *Aprender a Olhar – Museu da Presidência da República*, nº 14, Ministério da Cultura, Instituto Português do Livro e das Bibliotecas.

Maquete de Vila Cardílio consultada em Outubro de 2017:
<http://pedrasehistoria.blogspot.pt/2014/10/>.

MARQUES, Jaime Jorge, (2016), *Marcas de Canteiro da Igreja Matriz da Golegã*, Câmara Municipal da Golegã.

Mesa Telegráfica de Sistema Bréguet:
<http://www.fmnf.pt/colecao/ficha.aspx?t=o&id=15#ad-image-0>.

Modelo de Caldeira a Vapor:
<http://www.fmnf.pt/colecao/ficha.aspx?t=o&id=279#ad-image-0>.

MONTEIRO, António João Nunes (1985) *Torres Novas-Villa Cardilio-1982, Informação Arqueológica*, Lisboa.

Normas Internas do Museu Municipal da Máquina de Escrever, Pelouros da Cultura e Turismo, Câmara Municipal da Golegã, 2013.

OLIVEIRA, Paulo Martins (2005), *A Feira da Golegã. Das origens à actualidade. Subsídios para a sua História*. Associação Feira Nacional do Cavalo, Câmara Municipal da Golegã.

OLIVEIRA, Paulo Martins, (2006) *A Vila da Golegã nos últimos 250 anos. Subsídios para a sua história*, Câmara Municipal da Golegã.

OLIVEIRA, Paulo Martins (2006), *Carlos Relvas e a sua Casa-Estúdio*, Câmara Municipal da Golegã.

PAÇO, Manuel Afonso do (1965), *Mosaicos de Vila de Cardilio*, Lucerna, Porto.

PAÇO, Manuel Afonso do (1963), *Nota acerca dos mosaicos romanos da villa de Cardilio*, 8º Congreso Nacional de Arqueologia ,Sevilha- Málaga 1963, Zaragoza.

PAÇO, Manuel Afonso do (1964), "*Mosaicos romanos de la Vila Cardilio en Torres Novas Portugal*", *Archivo Español de Arqueologia*, Madrid.

PAÇO, Afonso do (1963), "*Vila Cardílio. Estação romana de Torres Novas*", in *Nova Augusta, Revista de Cultura*, nº 2, pp. 71-75.

PAÇO, Afonso do (1964), *Mosaicos da Vila Cardílio*, Comunicado apresentado ao III Colóquio Portuense de Arqueologia, Porto.

PEREIRA, Paulo (1990), *A Obra Silvestre e a Esfera do Rei*, Coimbra.

Perspectiva geral de Vila Cardílio consultada em Outubro de 2017: <http://www.viverotejo.pt/visitar/Details/77>.

Portaria de 11-06-1946, publicada no DG, II Série, n.º 153, de 4-07-1946 (com ZNA) (ZEP da Igreja Matriz e do Pelourinho).

Portaria de 11-06-1946, publicada no DG, II Série, n.º 153, de 4-07-1946 (ZEP da Igreja Matriz e do Pelourinho).

Portaria de 11-06-1946, publicada no DG, II Série, n.º 153, de 4-07-1946 (com ZNA) (ZEP da Igreja Matriz e do Pelourinho).

Porto Editora – Escola Virtual disponível em: <https://portal.escolavirtual.pt/dashboardteacher/?url=/dashboardteacher/>.

Programa de História. Plano de Organização de Ensino-Aprendizagem, Volume II, Ensino Básico. 3º Ciclo, Departamento de Educação Básica, Ministério da Educação.

Portaria de 11-06-1946, publicada no DG, II Série, n.º 153, de 4-07-1946 (ZEP da Igreja Matriz e do Pelourinho).

RIBEIRO, Ana Isabel, NUNES, João Paulo Avelãs, CUNHA, Pedro José Paiva (2014), *Metas Curriculares de História, 7º, 8º e 9º Anos do 3º Ciclo do Ensino Básico*, Ministério da Educação e Ciência, Governo de Portugal.

Relatório de Atividades e Contas do Fundação Museu Nacional Ferroviário relativo ao ano de 2016.

Relatório Técnico de Conservação e Restauro “Projecto Passeios Presidenciais. Recuperação e Restauro dos veículos afectos ao comboio presidencial”, Fundação Museu Nacional Ferroviário Armando Ginestal Machado, 2013.

Regulamento do Museu Nacional Ferroviário, aprovado em Conselho de Administração da Fundação Museu Nacional Ferroviário, no dia 20 de Julho de 2016.

Salão do Príncipe: <http://www.fmnf.pt/colecao/ficha.aspx?t=o&id=5#ad-image-0>.

Salão D. Maria Pia: <http://www.fmnf.pt/colecao/ficha.aspx?t=o&id=6#ad-image-1>.

SILVA, Sandra Patrícia de Jesus, (2011), *Visita guiada: uma estratégia da educação museal*; Trabalho de Projecto de Mestrado em Museologia, Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa.

Site da Câmara Municipal da Golegã consultado em Outubro de 2017: <http://www.cm-golega.pt/component/k2/item/195-igreja-matriz-golega-monumento-nacional>.

Site da Câmara Municipal da Golegã consultado em Outubro de 2017: <http://www.cm-golega.pt/areas-de-actividade/cultura/item/310-pal%C3%A1cio-do-pelourinho>.

Site da Câmara Municipal da Golegã consultado em Outubro de 2017: <http://www.cm-golega.pt/concelho/turismo/item/196-relvas>.

Site da Casa Estúdio José Relvas consultado em Outubro de 2017: <http://www.casarelvas.com/site/pt/>.

Site da Câmara Municipal de Torres Novas consultado em Outubro de 2017: <http://www.cm-torresnovas.pt/index.php/patrimoniomonumental#informação-2>.

Site do Museu Nacional Ferroviário consultado em Outubro de 2017: <http://www.fmnf.pt/museu>.

Site da Câmara Municipal da Golegã consultado em Outubro de 2017: <http://www.cm-golega.pt/areas-de-actividade/cultura/item/407-museu-municipal-da-maquina-de-escrever>.

Site do Câmara Municipal da Golegã consultado em Outubro de 2017: <http://www.cm-golega.pt/areas-de-actividade/cultura/item/608-museu-municipal-martins-correia>.

Site da Câmara Municipal da Golegã, consultado em Novembro de 2017:
http://www.cm-golega.pt/concelho/turismo/item/195-igreja_matriz.

Site da infopédia, consultado em Novembro de 2017;
[https://www.infopedia.pt/\\$igreja-matriz-da-golega](https://www.infopedia.pt/$igreja-matriz-da-golega).

Site da Escola Virtual da Porto Editora, consultado em Novembro de 2017:
<http://www.escolavirtual.pt/>.

Site da Câmara Municipal de Torres Novas, consultado em Novembro de 2017:
<http://www.cm-torresnovas.pt/index.php/patrimoniomonumental#informação-2>.

Site da Infopedia, consultado em Novembro de 2017:
[https://www.infopedia.pt/\\$vila-cardilio](https://www.infopedia.pt/$vila-cardilio).

Site da Escola Virtual da Porto Editora, consultado em Novembro de 2017:
<http://www.escolavirtual.pt/>.

Site do Museu Nacional Ferroviário, consultado em Novembro de 2017:
<http://www.fmnf.pt/>.

SOUSA, José Vieira (2003), *Golegã: Terra onde nasci*, Câmara Municipal da Golegã.

SOUSA, Jorge Manuel Serra (1999), *Elementos Culturais de Vila Cardílio*, in Nova Augusta, Revista de Cultura, nº 11, pp. 109-125.

VERÍSSIMO, Helena, LAGARTO, Mariana, BARROS, Miguel (2013), *História em Perspetiva. História A. 10º Ano* Volume 1, Edições Asa, Grupo Leya.

LISTA DE FIGURAS OU ILUSTRAÇÕES

Fig. 1. Perspetiva geral da Igreja Matriz da Golegã.

Fig. 2. Localização da Igreja Matriz no centro da Golegã.

Fig. 3. Nave e Capela Mor da Igreja Matriz da Golegã.

Fig. 4. Perspetiva geral do Pelourinho da Golegã.

Fig. 5. Localização geográfica do Pelourinho da Golegã.

Fig. 6. Perspetiva geral da Casa-Estúdio de Carlos Relvas.

Fig. 7. Localização geográfica da Casa-Estúdio Carlos Relvas na Golegã.

Fig. 8. Perspetiva geral das Ruínas Romanas de Vila Cardílio.

Fig. 9. Localização geográfica das Ruínas Romanas de Vila Cardílio, junto à cidade de Torres Novas

Fig. 10. Maquete de Villa Cardílio disponível ao público visitante.

Fig. 11. Perspetiva da entrada do Museu Nacional Ferroviário, no Entroncamento.

Fig. 12. Localização geográfica do Museu Nacional Ferroviário, no Entroncamento.

Fig. 13. Perspetiva do interior do Museu Municipal da Máquina de Escrever.

Fig. 14. Localização Geográfica do Museu Municipal da Máquina de Escrever.

Fig. 15. Perspetiva do Interior do Museu Municipal de Martins Correia.

Fig. 16. Localização Geográfica do Museu Municipal de Martins Correia.

Fig. 17 (à esquerda) – Cruz de Cristo e Escudo de D. Manuel I.

Fig. 18 (à direita) – Esfera Armilar.

Fig. 19 – Vista geral da Igreja Matriz da Golegã.

Fig. 20 - Pórtico de entrada da Igreja Matriz da Golegã.

Fig. 21 – Pormenor da fachada da Igreja Matriz da Golegã.

Fig. 22 - Locomotiva a vapor D. Luiz

Fig. 23 - Salão do Príncipe

Fig. 24 - Salão D. Maria Pia

Fig. 25 - Mesa Telegráfica

Fig. 26 - Modelo de Caldeira a Vapor

Fig. 27 - Locomotiva a Vapor CP 003

Fig. 28 - Locomotiva a Vapor CP 135

Fig. 29 - Chegada ao Carregado do Comboio Real

Fig. 30 - Bilhete N° 5 da viagem inaugural de caminho de ferro do troço de Lisboa ao Carregado.

Fig. 31 - Miniatura da Locomotiva La Liliputienne.

ANEXOS

1º Estudo de Caso – Igreja Matriz da Golegã:

1 - 1º Plano de Aula

2 - 2º Plano de Aula

3 - 3º Plano de Aula

4 - Apresentação *Powerpoint* “ O Estilo Manuelino. A Igreja Matriz da Golegã”

2º Estudo de Caso – As Ruínas Romanas de Vila Cardílio:

5 – 1º Plano de Aula

6 – 2º Plano de Aula

7 – 3º Plano de Aula

8 – Apresentação *powerpoint* “A Romanização da Península Ibérica. As Ruínas Romanas de Vila Cardílio.”

3º Estudo de Caso – Museu Nacional Ferroviário:

9 – 1º Plano de Aula